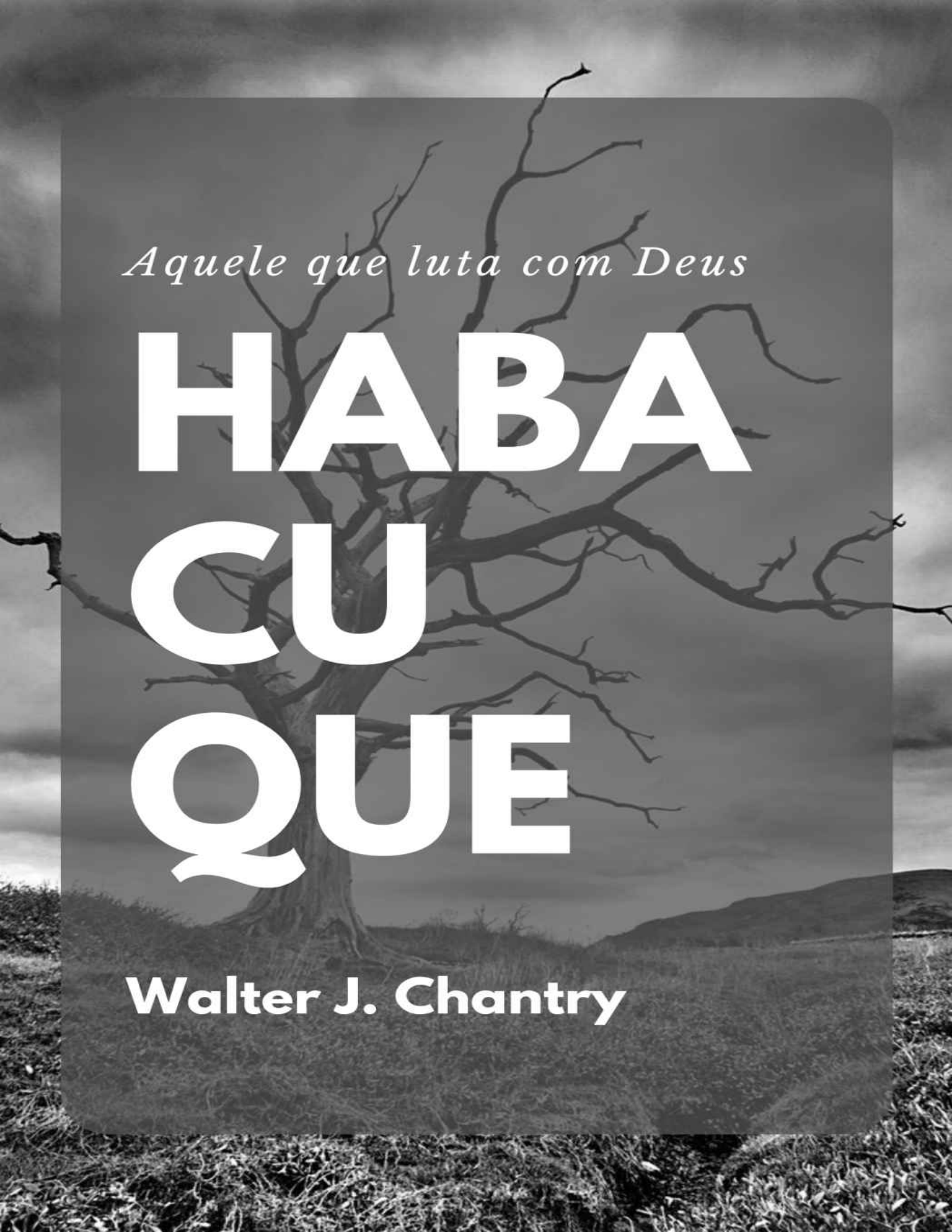

Aquele que luta com Deus
HABACUQUE
Walter J. Chantry

HABACUQUE

AQUELE QUE LUTA COM DEUS

Walter J. Chantry

Tradução
Valter Graciano Martins

Copyright @ 2008, de Walter J. Chantry
Publicado originalmente em inglês sob o título
Habakkuk: A Wrestler with God
pela The Banner of Truth Trust,
3 Murrayfield Road, Edinburgh EH12 6EL, Reino Unido.

■

Todos os direitos em língua portuguesa reservados por
Editora Monergismo
SCRN 712/713, Bloco B, Loja 28 — Ed. Francisco Morato Brasília, DF, Brasil — CEP 70.760-620
www.editoramonergismo.com.br

■

1ª edição, 2020

Tradução: Valter Graciano Martins
Revisão: Felipe Sabino de Araújo Neto e Rogério Portella

Sumário

Introdução
1. O fardo do profeta (1.1-4)
2. Instrumentos divinos de justiça (1.5-11)
3. Grandes orações em tempos de devastação (1.12-2.1)
4. Uma revelação para todos os tempos
5. Os grandes propósitos de Deus na história (2.15-17)
6. O ridículo definitivo da oberba (2.18-20)
7. A terceira oração de Habacuque (3.1-19)
8. Espectadores da divina majestade (3.3-16)
9. Habacuque: um livro para tempos de crise extrema (3.17-19)
Apêndice: Calvino sobre a serenidade na adversidade

Introdução

Ler o livro de Habacuque nos faz recuar ao Oriente Médio de 2700 anos atrás. A primeira impressão que a leitura nos deixa é que o profeta viveu em um mundo muito diferente. Tecnologia, comunicação, e até mesmo a percepção de lugares muito remotos, marcantemente diferenciados do que então são hoje. Todavia, as impressões são muito superficiais.

Quanto mais alguém ouve o profeta e as palavras de Deus e lhe responde, mais se torna muito claro que a condição humana em grande medida era como agora. Os judeus decentes e religiosos sentiam-se angustiados pelas formas da mudança social na própria nação. Transformações recentes na forma de viver da amada Pátria demonstravam de forma cabal as más tendências do afastamento de Deus e de infligir dano aos companheiros.

Como se não bastasse suportar os desenvolvimentos inquietantes, um fardo ainda mais pesado oprimia Habacuque e seus amigos. Israel participava da vida em nosso mundo com nações tirânicas que cumulavam exércitos de tamanho e poder esmagadores, cujo propósito era oprimir brutalmente o povo judeu bem como outras nações. Problemas nos negócios nacionais e temor dos desenvolvimentos internacionais! Sua vida era tão mais diferente da vida atual?

Todavia, quantos hoje, com crescentes preocupações semelhantes às de Habacuque, respondem como ele fez? Muitos se levantam para exercer a atividade política, aumentando o volume da voz a fim de seguir homens na esperança de contribuir para obter as soluções. Quantos reconhecem que a decadência moral e religiosa avança de tal modo, na Europa Ocidental e nas Américas, que nossa única esperança de deter o desmoronamento está no Senhor que fez o céu e a terra? Nossas vozes devem subir ao nosso Deus, ou completo colapso não impedirá de descermos ao abismo.

Cansados e enfraquecidos por guerras sangrentas e de alto custo lançadas sobre nossas nações pelos tiranos, não temos solução nacional nem fundos suficientes para gastar contra nossos inimigos. Todavia, as potências estrangeiras gastam sua riqueza

para se armarem com instrumentos cada vez mais horríveis, enquanto lançam ameaças contra nossa religião e nosso estilo de vida.

Uns poucos alegarão que temos recursos morais e materiais para continuar uma sucessão de conflitos brutais. Outros, ao contrário, negarão a existência das ameaças ou se renderão à opressão. Contudo, a menos que o Senhor se levante em nosso auxílio, como sobreviveremos aos terrores que nos estigmatizam?

Se, como nações ocidentais, nos firmarmos na aguda necessidade da assistência divina de todos os lados, onde estão os que podem lutar com Deus para trazê-lo em nosso auxílio? Todavia, muitos elevam petições variadas ao trono de Deus em oração. Mas, quão poucos se apegam a Deus e não o deixam ir até que nos abençoe! Quantos continuarão com determinação de invocar o Senhor e então esperar por suas respostas até que o salvamento se concretize?

No passado, quando as circunstâncias do povo de Deus sugeriam a inescapável ruína que se aproximava, seu Pastor prometia operar poderosos prodígios de salvação em seu favor. Entretanto, quando o Soberano se manifestou sobre toda a terra, ele disse: “Deixarei que a casa de Israel peça que eu lhe faça ainda isto” (Ez 36.37, NAA). O Onipotente esperava que a oração humana fosse um agente secundário em seus espantosos livramentos. O Criador será sempre a Primeira Causa.

Em tempos de emergência, indagamos se *podemos* orar. A razão para isso foi notada pelo apóstolo Paulo: “Porque não sabemos orar como convém” (Rm 8.26*b*). Sabemos o que queremos! Mas somos pouco acostumados com o acesso ao trono do Rei da Glória, de olhá-lo nos olhos e movê-lo aos nossos grandes pedidos. Há uma urgente necessidade de nosso tempo e lugar na história de saber que “o Espírito nos auxilia em nossa fraqueza” (Rm 8.26*a*). Nossa demanda é que “o Espírito interceda por nós de acordo com a vontade de Deus” (Rm 8.27).

Abrimos a cortina do aposento de oração de um homem de Deus com este grande livro da revelação divina. Nós o ouvimos orando. Ouvimos como Deus responde em uma de suas notáveis

revelações. Todavia, você pode sentir-se atordoado pelas respostas tão atuais às orações dele!

Há outro elo entre a época de Habacuque e a nossa. O Senhor usou o livro de Habacuque como o caixa forte para depositar uma das gemas mais preciosas de todos os tempos (Hb 2.4). É uma sentença que resume o evangelho. Na verdade, é a pedra preciosa de quatro faces que, radiante, apresenta as seguintes quatro qualidades: *fé*, *humildade*, *justiça* e *vida eterna*.

O apóstolo Paulo costumava usar o versículo como tema de sua construção evangélica e como corretivo do falso ensino (Rm 1.17; Gl 3.11; Hb 10.38).

Na verdade, embora não tenhamos um registro de Jesus citando a passagem de Habacuque, se o versículo for usado como filtro pelo qual os Evangelhos são lidos, é possível encontrar sua ênfase em todo o ministério do Salvador. Em Mateus 8.5-13 temos um relato de um homem que buscou a assistência de Jesus. Ele rogou ao Senhor que lhe fizesse algo com a mais profunda humildade. E Jesus fez uma observação a respeito deste humilde homem: “Em verdade lhes digo que nem mesmo em Israel encontrei fé como esta”. E ali segue um comentário sobre os gentios entrando no reino de Deus.

Quando nos deparamos com este versículo, devemos fazer uma pausa e ponderar sobre ele. Investigue aí se você já se tornou justo e se já possui a vida eterna.

— Walter J. Chantry

Abril de 2008

1. O fardo do profeta (1.1-4)

Este livro profético, como muitos outros no Antigo Testamento, traz como título o nome do profeta. Habacuque é uma forma da palavra hebraica “abraço”. A ideia é a de um lutador corpo a corpo que abraça o oponente com o qual se digladia. O livro fala de um homem que legou seu nome por lutar com Deus em oração. O texto é singular entre os livros proféticos. É um diário de três orações feitas por Habacuque e uma resposta dada pelo Deus Altíssimo para as primeiras duas orações.

O homem de Deus

Achamos similaridades entre nós e Habacuque quando lemos seu diário de oração. Às vezes “vemos” na Escritura coisas que nos perturbam profundamente o espírito. O peso dos fardos nos compele a lutar com Deus em oração. Todavia, *não* somos como Habacuque! Ele recebeu de Deus a vocação para ser “o profeta” (1.1). O Onipotente o separou para ser o porta-voz de *Deus*, para declarar as próprias palavras de *Deus*. Ele era a boca de Deus para levar ao mundo a mensagem divina. Ele era um “homem santo movido pelo Espírito Santo” (2Pe 1.21). As palavras de Habacuque foram “inspiradas” por Deus mesmo através de seu profeta (2Tm 3.16). Nenhuma parte do livro provém da “interpretação particular” de Habacuque (2Pe 1.20). Ainda que também lutemos com Deus em oração, estas coisas nunca podem ser aplicadas a nós.

Mesmo quando Habacuque “viu” (1.1), não é como vemos. O Espírito Santo ilumina os olhos do entendimento por meio da Escritura. Os profetas, contudo, eram (nos dias mais antigos) chamados “videntes” (1Sm 9.9; 2Sm 24.11).

Em Números 12.6-8, o Senhor disse a Arão e a Miriã: “Se entre vós há profeta, eu, o Senhor, em visão a ele, me faço conhecer ou falo com ele. Não é assim com meu servo Moisés. [...] Boca a boca falo com ele”. Deus fazia os profetas verem a verdade diretamente em visões e sonhos.

O que viram, registraram para nós na Escritura. As exceções foram Moisés e o Profeta como Moisés, Jesus Cristo (Dt 18.18). Os dois

falaram com Deus face a face e registraram na sagrada Escritura mensagens claríssimas e completas.

Em geral, a “sentença” (1.1)[1] de um profeta era uma carga espiritual muito pesada. Era pesada por causa do conteúdo das notícias; com muita frequência uma visão clara de juízos futuros. Consistia também no peso da responsabilidade de declarar aos homens sobre a terra o que o Deus do céu lhes havia mostrado. Em certa ocasião, o profeta Jeremias resolveu não declarar a mensagem que Deus lhe dera. Sobre a resolução, Jeremias observou: “Então, isso me foi no coração como fogo ardente, encerrado em meus ossos; já desfaleço de sofrer e não posso mais” (Jr 20.9). Habacuque falava coisas *pesadas*.

Queixa da resposta divina à oração

A primeira oração registrada por Habacuque está em 1.2-4. O dia não começa com a aurora. O profeta orara sobre o que ocupava seu coração algum tempo antes de começar sua oração diária. Há certa aspereza no protesto hebraico: “Até quando, Jeová, clamarei eu, e tu não me escutarás? Gritar-te-ei [...] E não salvarás?” (1.2).

Habacuque estava profundamente perturbado com os pecados nacionais de Judá. Com frequência e sinceridade clamava a Deus por alívio, mas não vinha nenhum livramento. Ele havia levado o problema ao trono de Deus, mas não via nenhuma melhora. Era como se Deus não ouvisse a oração ou se recusasse a ouvi-la. É possível que você se lembre de como Elias zombava dos profetas de Baal, quando as orações deles não faziam vir fogo do céu. “Clamai em altas vozes, porque ele é deus; pode ser que esteja meditando, ou atendendo a necessidades, ou de viagem, ou a dormir e despertará” (1Rs 18.27).

O que começou como um apelo a Deus para a salvação de seu povo terminou como um protesto pessoal sobre a inatividade divina. Habacuque estava certo em levar os males nacionais diante do trono de Deus. Tantos confiam em príncipes e buscam o auxílio dos homens. Esperam que os apelos e protestos políticos tragam reforma. Habacuque levou seu protesto ante o tribunal do Soberano de toda a terra. Mas ali parecia não haver resposta. Ele se sentiu compelido a orar acerca do processo da oração. Acaso não há

momentos em que *você* se sente frustrado quando a resposta de suas orações é o silêncio? Até quando haveremos de encarar os céus de bronze?

Queixa de como Deus governa o mundo

Talvez houvesse causas secundárias danosas da decadência moral e miséria social nos dias de Habacuque. Entretanto, nossa teologia dirige nossa atenção à causa última — a providência divina: "Por que me mostras a iniquidade? Por que toleras a injustiça" (1.3)? Afinal, Deus nos colocou em uma nação corrupta e provocadora no tempo em que ele permite que os costumes se afundem cada vez mais e que a igreja se torne cada vez mais fraca. Ele designou que vivamos nesses tempos saturados de dor e amargura. É o momento em que Deus entregou de antemão as nações cristãs às trevas espirituais e impureza. Nossas orações não conseguem reverter essas tendências. Por quê? É justamente isto que Habacuque pergunta a Deus: "Por quê?".

Provavelmente Habacuque viveu nos últimos vinte anos do século VII a.C., os anos subsequentes ao reinado de Manassés, o mais perverso e corrompido que o de qualquer outro rei de Judá. Jeremias era um dos contemporâneos do profeta. Vícios de toda espécie eram pandêmicos. A incredulidade galopava.

Acaso a queixa atual do povo de Deus não é que a cultura ocidental declina na mais infame imoralidade e desdita religiosa? É sobre isto que murmuramos uns aos outros. Você expressa sua dor de cabeça por causa dessas questões diante de Deus? Ele é o único com o poder de reverter tais tendências. Tantas reuniões de oração estão saturadas de pedidos por causa de doenças e súplicas pela bênção de Deus sobre nossos planos futuros. Por que não clamarmos a Deus contra o mal dos tempos e persistimos nesse clamor? As orações dos ministros nos púlpitos versam sobre as atrocidades morais e religiosas de nossa época e pedem a Deus que se levante e corrija essas alarmantes tendências?

Menção nominal das depravações precisas da nação de Habacuque

Quando atentamos bem para oração do profeta, identificamo-nos com sua angústia, conhecendo males similares em nossos próprios tempos. “Violência!” (1.2) é o primeiro aspecto mencionado da vida da nação. Isso é enfatizado de novo no versículo 3: “A destruição [pilhagem] e a violência estão diante de mim”. Ele parece orar com profundo senso de horror. Porventura catalogamos a violência dos abortos e das eutanásias, os maus-tratos contra mulheres e filhos, os tiroteios nas escolas — perpetrados por colegas de classe —, os predadores sexuais, os bombardeios, os tumultos e a fúria nas estradas?

Os crimes estão aumentando sempre nas nações cristãs ocidentais. Há violência proveniente do tráfico de drogas e dos triângulos amorosos. Até quando Deus deixará de nos socorrer?

Então o profeta cataloga a injustiça praticada contra o inocente e desamparado (1.4):

> A lei se afrouxa,
> a justiça nunca se manifesta,
> porque o perverso cerca o justo,
> a justiça é torcida.

Na nação dele, como na nossa, o sistema legal funcionava muito mais em favor dos perversos que dos justos. Em nosso caso, as leis governamentais e os juízes que as interpretam defendem os direitos dos pornógrafos e repreendem quem lhes nega a liberdade de promover seus vícios. O sistema protege as perversões sexuais com grande custo para a saúde pública. Os tribunais ameaçam os pais que corrigem e disciplinam os filhos. A educação estatal inculca a incredulidade e o ceticismo e silencia os conceitos bíblicos. Por que Deus não ouve nossos apelos?

Com certeza você pode participar das tensões de Habacuque enquanto ele orava. É possível sentir a tentação íntima à incredulidade que nos levaria a parar de orar. Você pode se sentir igualmente frustrado ante a falta de tempo para orar em favor do avanço da verdade e justiça em nossa geração sem ver Deus se levantar para prover o socorro. Porventura você ainda se digladia com Deus sobre os mesmíssimos elementos de nossa vida nacional? Estas são dificuldades gigantescas que só o Deus

grandioso pode resolver. Continuemos a orar. Nosso único socorro está no nome do Senhor que fez os céus e a terra. A esperança de bênção *deve estar fixada nele*.

Lembremo-nos bem de que este é apenas o "prefácio" ao diário de oração de Habacuque. A luta da oração entre o profeta e seu Deus continua. Ela terminará com as orações de confiança e triunfo.

> O SENHOR Deus é a minha fortaleza,
> e faz os meus pés como os da corça,
> e me faz andar altaneiramente.
> Habacuque 3.19

O processo conducente a essa calma e estado esperançoso não lhe agradava; tampouco será o nosso caso. A profecia visa ao nosso próprio tempo como foi outrora. Se Habacuque recebesse o benefício da revelação específica dada por Deus 650 anos depois de seu tempo, então poderia ter compreendido que Deus não estava inativo em relação à tribo de Judá rebelde, como parecia ao profeta. Paulo, em Romanos 1.18-32, nos ensinou que, quando as nações chegam ao auge da rejeição da revelação divina e da corrupção moral, Deus nem sempre se apressa para corrigi-las ou destruí-las.

Às vezes, quando ainda nos parece que Deus não age em relação às nações perversas, a primeira onda da ira divina contra o mal já teve início. O Santo "entrega" as sociedades perversas "à imundícia" (Rm 1.24) e às "paixões infames" (Rm 1.26). Ao remover todas as restrições providenciais das tendências perversas dos pecadores decaídos, o Senhor permite que a depravação humana corra à solta até atingir as mais degradadas expressões, até que uma nação fique "cheia de toda injustiça" (Rm 1.29).

Existe a sugestão em Gênesis 15.16 de que Deus aja dessa forma algumas vezes. Temos aqui a cena em que Deus reiterou a promessa de dar a Abrão a terra de Canaã. O Senhor explicou que os descendentes de Abraão seriam servos de outra terra ao longo de quatrocentos anos. Isso se deu "porque não se encheu ainda a medida da iniquidade dos amorreus". O juízo final recairia sobre os amorreus só quando a iniquidade houvesse realizado a obra completa. A permissão divina da descida gradual no pecado era a maturação das mais ativas expressões de ira.

Entretanto, nos propósitos inescrutáveis de Deus, às vezes se permite que os pecadores expressem os mais altos graus de perversidade antes de o Senhor se levantar para salvá-los. O Manassés extremamente mau recebeu a permissão para mostrar a todos a ignominiosa vileza de seu coração antes que Deus o transformasse em um homem piedoso (2Cr 33.1-20). Saulo de Tarso chegou ao extremo da natureza corrompida — blasfemou publicamente do Filho de Deus e agiu com a máxima violência possível para destruir a igreja de Cristo — antes que o Salvador fizesse dele um novo homem e apóstolo destinado aos gentios! Nesses casos, os principais pecadores vão de mal a pior para que fique nítido a todos que a misericórdia e graça do Deus soberano são muito mais poderosas que todos os pecados dos homens.

Na verdade, Deus respondeu o tempo todo à oração de Habacuque. Naturalmente, a oração do profeta era que o Senhor salvasse (1.1), não que entregasse Judá à destruição. No caso desta nação, mesmo a pior pecaminosidade não resultaria no juízo final, e sim no castigo que conduz à misericórdia. Muito depois, quando judeus e gentios alcançaram, do mesmo modo, a plenitude da injustiça no violento ataque contra o Messias, Deus enviou o poderoso evangelho que surpreendeu todas as nações. Entretanto, o profeta não podia prever os propósitos divinos para Judá em sua geração ou nos dias de Cristo até que o Senhor o mostrasse a ele.

Jamais devemos considerar Deus tolerante com a aprovação do pecado ou complacente com ele (1.3), como a oração de Habacuque sugeriu. Quando a incredulidade e a imoralidade se intensificam nas nações, a ira do Onipotente já está sendo revelada desde o céu contra toda impiedade e injustiça dos homens que suprimem a verdade por amor aos seus pecados (Rm 1.18).

Até que a providência divina atue mais nas profundas trevas espirituais e morais, não temos como dizer se nossas nações serão totalmente destruídas, como bem merecem ser, ou se a graça de Deus ainda se manifestará para renová-las na religião e justiça verdadeiras que exaltam as nações e magnificam sua graça.

Se o caso for a segunda hipótese, Deus as fará reviver por meio das orações dos santos, que se elevam no abraço do lutador crente de

Deus nas horas escuras da meia-noite.

2. Instrumentos divinos de justiça (1.5-11)

Habacuque havia orado muito contra os pecados de Judá, a nação de Deus. Como a maioria de nós, ele era patriota. Amava sua nação e amava os santos que viviam nela. Por conta do extenso período de decadência moral e corrupção espiritual, o profeta começou a sentir fome de avivamento. Ele não orava apenas com o fim de receber alívio para si em meio dos desconfortos da vida no parque de diversões do pecado. Havia também a questão de que tipo de terra seria deixada para seus filhos e netos: “A justiça exalta as nações, mas o pecado é o opróbrio dos povos” (Pv 14.34). A destruição aguarda os ímpios: “Os perversos serão lançados no inferno, e todas as nações que se esquecem de Deus” (Sl 9.17).

Se só o Senhor era capaz de fazer o ministério de sacerdotes e profetas poderoso e efetivo para mudar a maré em justiça e trazer a bênção de Deus, essa era a aspiração do coração de Habacuque.

Quando genuinamente passamos a orar com perseverança sobre a decadência nacional, no campo moral religioso, lutamos com a história da providência de Deus. Como, indagamos, o Santo pode tolerar a multiplicação da perversidade; como pode ele recusar ouvir as orações dos piedosos?

Em Habacuque 1.5-11, o Onipotente quebrou o longo silêncio em relação ao profeta que orava. Neste breve texto, Deus deu uma resposta específica. Era a revelação direta e verbal sobre um futuro iminente (*não* recebemos essas revelações agora, ainda quando, talvez, pelo auxílio do Espírito Santo, recebamos intuições sobre como os textos bíblicos se aplicam às circunstâncias atuais).

Uma advertência legendada

Era necessário que o Altíssimo precedesse sua resposta com preparações cautelares. O observador da história futura deve estar condicionado a interpretar corretamente as verdades mais claras.

A essência de tudo o que Deus disse a Habacuque foi: “Participo de sua preocupação sobre a impiedade e imoralidade existentes em Judá” (e *vocês*, que estão orando — na Europa, nas Américas, ou em quaisquer outros lugares, no século XXI). “Estou preparando

uma resposta definida relativa à infidelidade para comigo e à sua expressão na transgressão mundial da lei."

1. *Você tem que olhar para as nações para observar a solução escolhida*: "Vede entre as nações, olhai, maravilhai-vos e desvanecei, porque realizo, em vossos dias, obra tal..." (Hc 1.5). Vocês estão focados no interesse local. Olhem para os problemas internacionais. Nosso Deus é o Senhor de todas as nações. Seus propósitos são globais! Jeová não disse a Abraão: "Em tua descendência todas as nações da terra serão abençoadas" (Gn 22.18)?

Deus não se esquecera de Judá. Todavia, Judá não era o único interesse divino, tampouco o amor de Deus estava focado só nele. Claro que não! As respostas de Deus *nem* sempre são vistas no envio de avivamento. Algumas vezes elas se manifestam sob a forma de acontecimentos multinacionais.

2. *Quando você ouve as notícias internacionais, não se esqueça do que os repórteres raramente dizem*. "Realizo" (v. 5) o que você observa. "Suscito" um novo poder entre as nações (v. 6). Em resposta às suas orações, e para corrigir o deplorável declínio religioso e moral em sua terra, capacito uma nação pagã! O que ocorre por toda a face da terra já foi designado pelo eterno e inteligente plano de Deus. O coração de todos os reis está na mão de Deus para ser mudado durante a trajetória da escolha de Deus. Quando grandes exércitos se coligam e começam a marchar, estão sob o domínio e direção de nosso Deus. Atente bem para os acontecimentos internacionais! Saiba que todos eles são dirigidos desde o trono divino. Temos o livro da natureza no qual lemos do poder criador de Deus. Temos o livro da Escritura no qual lemos do poder redentor de Deus. Temos também o livro dos acontecimentos atuais no qual lemos a consumação dos propósitos providentes de Deus.

3. *Deus está em ação "em vossos dias"* (v. 5) para fazer algo sobre a rebelião de Judá (e em nossos dias para fazer algo sobre a rebelião do Ocidente). O texto fala de acontecimentos que ocorrerão na época de Habacuque. Ele veria com os próprios olhos algumas das obras do Senhor. Também nós o faremos.

4. *Habacuque teria achado a predição inacreditável*. “Maravilhai-vos e desvanecei, porque realizo, em vossos dias, obra tal, que vós não crereis, quando vos for contada” (v. 5). Mesmo o povo de Deus é inclinado a não crer no que nunca desejou ver. Deus não resolveria a crise moral de Judá pelo método de avivamento preferido por Habacuque! Ele resolveria a crise por meios inesperados e indesejáveis.

Quando oramos sobre as ladeiras escorregadiças da irreverência ocidental moderna para com Deus e a imoralidade para com os concidadãos, notificamos a Deus que trate nosso caso com compassiva brandura. Esperamos pelo “desembarque suave”, pelo “final feliz”. Nem sempre isso é preferível a nosso Deus. Depois de longos anos de apostasia maciça do povo, de sua fé, decência e justiça, nosso Criador e Juiz prefere a solução apropriada que nos faça voltar.

Descreve-se o castigo divino

No tocante a Judá, Deus estava levantando a nação de Babilônia (v. 6). Um novo poder de domínio mundial estava sendo formado para executar a vontade divina entre as nações. Seus exércitos seriam o instrumento usado por Deus para trazer a destruição final às nações cuja medida de pecado já havia chegado ao limite. Alguns inimigos de Babilônia cessariam de existir como nações. No caso de Judá, a derrota violenta às mãos de Babilônia seria um castigo severo. O esbulho da nação e a deportação do povo seriam o meio para o melhoramento espiritual de Judá. Justamente como o pai nem sempre pode corrigir com brandura, também o Senhor usaria a aplicação de pena com o intuito de chamar seu povo de volta ao temor de seu nome e ao curso justo de conduta.

Se Habacuque houvesse examinado com diligência a Escritura, então teria percebido o que Deus faria à sua nação. Setecentos anos antes, Moisés escreveu em Deuteronômio 28.15, 49, 50, 64: “Se não deres ouvido à voz do Senhor, teu Deus, [...] [o] Senhor levantará contra ti uma nação de longe, da extremidade da terra virá, como o voo impetuoso da água, nação cuja língua não entenderás; nação feroz de rosto. [...] Então o Senhor te espalhará por entre todos os povos de uma extremidade da terra a outra”.

Cem anos antes de Habacuque, Deus falara a Ezequias, rei de Judá, por intermédio de Isaías, o profeta: “Eis que virão dias em que tudo quanto houver em tua casa, com o que entesouraram teus pais até o dia de hoje, será levado para Babilônia; não ficará coisa alguma, disse o SENHOR” (Is 39.6).

Breve história da Babilônia

Durante séculos, a Babilônia não passara de um pequeno Estado pouco desenvolvido nos negócios internacionais. Embora ali fosse o local da primeira tentativa histórica de formar um governo mundial único, não muito depois do Dilúvio (a torre de Babel, Gn 11.1-9), a Babilônia só começou a formar um exército no ano 626 a.C. Em 609, as conquistas babilônicas começaram a alarmar a Assíria (cuja capital era Nínive) e o Egito, os dois grandes centros do poder mundial. As duas nações se uniram para atacar algumas posições babilônicas avançadas. Todavia, o rei babilônio, Nabopolassar, manteve a base no rio Eufrates. Em certo sentido, a batalha ficou empatada; ainda que, na verdade, ela se mostrasse a última arrancada do poder da Assíria e do Egito.

Nesse mesmo ano 609 a.C., Josias, rei de Judá, morreu e seu filho Jeoacaz foi coroado em Jerusalém. Entretanto, no caminho de volta ao Egito, da batalha contra a Babilônia, o faraó Neco destituiu Jeoacaz e instalou Jeoiaquim como rei-servo do Egito em Judá. Com isso, a independência genuína de Judá como nação cessou até 1948 de nossa era.

Em 605 a.C., a Babilônia travou batalha em Carquêmis, liderada pelo príncipe coroado, Nabucodonosor. Uma vez mais, os inimigos eram a Assíria e o Egito, cujas forças combinadas foram totalmente esmagadas. A balança do poder entre as nações oscilara muito, e nunca mais retornaria à Assíria e ao Egito. Seguindo o grande triunfo, Nabucodonosor fez sua primeira incursão direcionada a Israel, também em 605 a.C. Nessa conquista militar Daniel, Sadraque, Mesaque e Abede-Nego (então bem jovens) foram levados para Babilônia juntamente com boa parte da realeza de Judá. As duas últimas invasões perpetradas pela Babilônia, em 596 e 586 a.C., deportariam outra parte da nação de Judá e deixariam a cidade de Jerusalém em ruínas com o templo demolido.

A Babilônia deu novo sentido à palavra “império”. Uma série de poderes mundiais pagãos — Babilônia, Persa, Grécia e Roma — controlaria a Palestina, com a maior parte do mundo civilizado, ao longo de nove séculos, até o reinado de Jesus Cristo pôr fim a esses horrores. A Babilônia foi a vara do Onipotente a punir as nações desobedientes e depravadas, foi o machado na mão do Altíssimo a derrubar a árvore de Judá no ápice de seu orgulho e idolatria. Embora esses impérios mundiais não tenham reaparecido desde a queda de Roma, muitas nações aspiram a empreendimentos iguais; e, quando agem assim têm, em escala bem menor, servido ao mesmo propósito divino de julgar e castigar as sociedades perversas.

Características das nações rivais

Em Habacuque 1.6-11, o Senhor descreveu para o profeta o que Judá poderia esperar nas mãos de seus correligionários. Caso as nações imaginem que se deve preferir a vida sem a “interferência” do Deus do céu, então que se considere o que esses países experimentam nas mãos de seus correligionários quando a mão restringente do Onipotente for removida de sobre os inimigos. A Babilônia seria *implacável*, mal-humorada, agiria pelo impulso da amargura e seria destituída de compaixão (v. 6). Seriam *impetuosos*. Sua crueldade seria irracional, como a de uma ursa, cujos filhotes foram roubados (v. 6). Este exército varreria em todas as direções, como nenhum outro havia feito até então. Não haveria nenhum desafio sério a seu poder. Os invasores seriam ávidos pelo despojo (v. 6). Seu ímpeto era apoderar-se do que não lhes pertencia. Seriam “pavorosos e terríveis” (v. 7). Todos os que os enfrentassem recuariam com medo. Agiriam sem lei, não seguiriam as convenções internacionais de guerra. Todas as regras de combate partiriam deles mesmos. A arrogância e o orgulho seriam seus guias.

Os ataques desses exércitos seriam muito mais velozes que os leopardos lançando-se de modo repentino sobre a presa (v. 8). Os soldados seriam como lobos noturnos que agem com ferocidade — dilacerando s vítimas na escuridão da noite (v. 8). Eles eram como águias voando velozmente a devorar (v. 8).

Eles se dedicariam à violência (v. 9); passariam impetuosamente como o vento; fariam prisioneiros como grãos de areia. Deslocar a população era seu método fixo de dominação. Os guerreiros babilônios esmagavam reis e se riam das fortalezas (v. 10). Investiam contra os inimigos com ataques rápidos e selvagens. Conquistariam não só Judá, mas também derrotariam *todas* as nações ao redor deles. Adoravam a própria bravura (v. 11). Em suma, fizeram do poder humano um deus.

Assim, essa era uma obra de Deus; ele é o mesmo *ontem*, *hoje* e *para sempre*. Ele sempre foi paciente com os pecadores, quando chama os homens ao arrependimento. Mas é também um Deus de terrível ira contra os pecados das nações. Nabucodonosor começou a conquista de Judá sob a diretriz divina. Pedro disse: “Porque a ocasião de começar o juízo pela casa de Deus é chagada; ora, se primeiro vem por nós, qual será o fim daqueles que não obedecem ao evangelho de Deus?” (1Pe 4.17).

Habacuque estava sendo informado de que Deus traria guerra selvagem sobre a amada nação do profeta — o povo que rejeitara o Deus de seus pais. Quando contemplamos os acontecimentos correntes e o futuro próximo das nações, não temos a vantagem da revelação a delinear o que Deus está para fazer. Contudo, a partir dessa profecia sabemos que Deus costuma trazer exércitos brutais contra as igrejas decaídas, das sociedades e nações, com o intuito de lhes corrigir a loucura.

As nações ocidentais renunciaram, em grande escala, à fé dos pais (nos tempos passados). Escolhem-se governos, sem o temor de Deus, para cuidar dos negócios nacionais. Práticas depravadas e pagãs enchem a cultura e os sistemas educacionais. No culto, as igrejas imitam o mundo em vez de seguir a Palavra de Deus. Tudo isso ocorre em meio à recusa de admitir que somos vulneráveis à ira do homem e de Deus.

As nações orientais estão reunindo força. Elas possuem falsos deuses; são brutais, ambiciosas e crescem em poder militar. Tais nações têm servido como varas do Onipotente, para serem usadas nas costas do povo obstinado.

Seria o caso de que nem mesmo a seriedade das ameaças conduzam o povo de Deus ao arrependimento? Porventura não há em nós humilhação de espírito suficiente para trazer o avivamento e, assim, as nações ocidentais recobrarem os sentidos? Sem a humilhação e tristeza pelos pecados, o lembrete ainda mais amargo da seriedade divina, em seu programa para a terra, seguramente recairá sobre nós.

3. Grandes orações em tempos de devastação (1.12-2.1)

Nas nações ocidentais modernas mantemos uma posição semelhante à de Habacuque nos tempos antigos. Quando examinamos nossa cultura, observamos que a maioria das “igrejas cristãs” está distante de crer na doutrina bíblica e guardar os mandamentos de Deus. Os sistemas governamentais e educacionais são hostis à verdade divina. Portanto, a imoralidade é galopante, e os cristãos genuínos são desprezados. Cada instituição da sociedade é debilitada por essa tendência sem um limite moral.

Ao mesmo tempo, assim que olhamos na direção das nações a leste, observamos inimigos cônscios dos fundamentos na nascente civilização ocidental. Deus suscita potências ferozes e destrutivas que cultuam falsos deuses. São brutais e agressivas; instilam em seu povo o ódio ao Deus de nossos pais e aos descendentes corruptos desses pais, que jamais compreenderão o perigo que correm nem se despertam para o arrependimento, tampouco para a autodefesa.

Habacuque perguntou na primeira oração: “Até quando” (1.2) Deus deixaria de agir em prol de Israel. O Rei da glória rompeu o silêncio para informar que logo (v. 6) a terra de Habacuque seria castigada com a vara da crueldade babilônica. A resposta e a ação de Deus podiam ser vistas nas atividades internacionais. Não um profeta nativo e piedoso, com a pregação convincente, mas um exército impiedoso e selvagem, vindo de longe, corrigiria o infiel povo de Deus. Hoje não contamos com uma revelação desse gênero; mas temos os métodos precedentes de Deus de fazer-nos temer.

Sob o choque da revelação tão calamitosa dirigida a Judá, Habacuque orou outra vez. Esta é a segunda oração registrada no livro (Hc 1.12-2.1). É assim que devemos orar sob as nuvens irmãs do afastamento cada vez maior de Deus e de seus caminhos em nossa pátria e das ameaças de guerra vindas de potências estrangeiras. O profeta de Judá pode dar forma às orações modernas e apropriadas em circunstâncias semelhantes às nossas.

A concepção de Habacuque sobre a oração

Habacuque estava persuadido de que tudo que ocorria em sua amada pátria jazia sob o domínio do trono de Deus. Além do mais, a revelação sobre a história futura das nações caía sob a direta autoridade divina. A colisão de poderosos exércitos sobre a terra representava a revelação da santa vontade de Deus. Jeová é um Ser espiritual puríssimo, cujos propósitos se concretizam na terra.

Portanto, não há mais atividade vital que Habacuque pudesse empreender além de manter o diálogo com aquele que dirige os acontecimentos correntes. De modo semelhante, embora possamos sentir-nos perplexos ante a direção dada por Deus à história e de sermos incapazes de compreender por que ele age assim, que nunca haja uma dúvida que em oração não apresentemos ao Criador do céu e terra. Nossa discussão envolve a Pessoa que preside os fatos futuros. Mesmo quando nós e Habacuque não recebemos exatamente o que queremos da parte de Deus, o Altíssimo, que jaz acima de nossos tempos e nações, nos ouve e responde.

Além do mais, o Deus Altíssimo emprega a oração humana na execução de seus propósitos. Deus considera e ordena as palavras humanas da discussão com ele para que sirvam de meios na realização de seus decretos divinos. A oração une a mente humana e a divina na realização dos poderosos atos de Deus. Naturalmente, não contribuímos com sabedoria ou poder no governo de Deus. Todavia, a oração faz a vontade humana e vontade divina fluírem em conjunto no processo de dirigir o planeta terra. É Deus quem delineou a oração diante de seu trono para esteja envolvida na execução de suas atividades. Todo o poder e a glória lhe pertencem, mas ele quer que, por nossa oração, sejamos participantes nas decisões de seu trono celestial.

A falha em manter esse conceito de oração torna os homens apáticos e silenciosos quando passam a orar. Tal ignorância esvazia as reuniões de oração na igreja. Ela priva os homens da esperança de que as coisas mudarão no futuro. Sem orar, os homens se movem como robôs inertes nas voltas que a vida dá. Os homens

presos à existência terrena distanciam-se do contato com o Pai dos espíritos. Sua alma atrofiada jaz sem utilidade.

Fomos criados à imagem de Deus para nos comunicarmos com ele, para falarmos com aquele cujos braços dirigem todos os acontecimentos. Quantos crentes tagarelam com outros homens sobre as crises morais nacionais e as ameaças internacionais que se propõem a esmagar o povo de Deus! Não obstante, muitos outros evitam o trono de Deus onde suas vozes trariam grandes benefícios.

Oração: recitação de verdades das quais estamos certos

Nos momentos de grande desespero há verdades das quais estamos plenamente certos. Elas devem ser declaradas ao Senhor.

> Não és tu desde a eternidade,
> ó SENHOR, meu Deus, ó meu Santo?
> Ó SENHOR [...] tu, ó Rocha.
> Habacuque 1.12

Com ardente afeto, Habacuque expressou apego direto ao Altíssimo: Tu és o *meu* Deus, o *meu* Santo. Eu me apego a ti, nas horas estressantes. Nossa comunhão não será interrompida. Quando tudo te for entregue, ó Senhor, és a Rocha sobre a qual firmo meus pés.

A soberania divina recua à eternidade. Seus propósitos que designam até mesmo os babilônios pagãos e selvagens para que ataquem e desmantelem Judá não formaram uma decisão apressada do momento. Todavia, nos mesmos recessos da eternidade, os propósitos de Deus de usar a graça estavam vinculados à semente de Abraão e à semente de Davi. Daí a afirmação: “Não morreremos”.

Mesmo com todas as hecatombes que sobrevieram a Israel nas mãos de saqueadores, o povo de Deus não podia ser exterminado. Também assim nos tempos modernos, os próprios portões do inferno não podem prevalecer contra a igreja de Cristo. Estas coisas são infalíveis. Ainda que Judá, então, e a igreja, agora, sejam repreendidos e corrigidos mediante temíveis inimigos pela

designação de Deus, jamais serão aniquilados. Sua Palavra nos informa dos eternos desígnios para eles.

De vez em quanto em oração, cabe-nos reafirmar nossas convicções mais profundas. Se tencionarmos digladiar-nos com Deus, apresentando-lhe queixas no tocante às suas providências, lancemos um sólido fundamento de submissão e confiança para nossas orações.

Oração: lutar contra a correção escolhida por Deus

No versículo 12 Habacuque chamou o Senhor de "meu Santo". O profeta estava plenamente confiante de que seu Deus era Santo. Com base neste alicerce, certamente ele formularia indagações sobre os propósitos revelados de Deus.

> Tu és tão puro de olhos que não podes ver o mal
> E não podes contemplar a opressão;
> por que, pois, toleras os que procedem perfidamente
> e te calas quando os perversos devoram
> aquele que é mais justo do que ele?
> Habacuque 1.13

No contexto, as palavras traduzidas por "contemplar" e "tolerar" seriam mais bem traduzidas por "aprovar". Naturalmente, sabemos que Deus "vê" cada ato perverso de homens e demônios. Todavia, o Onipotente não pode tolerá-los com aprovação ou favor. Como Deus poderia ver e reter sua língua quando os perversos devoram os mais justos que eles? Neste ponto, o lutador (Habacuque) se valeu da santidade divina para argumentar contra o plano do Senhor de usar o exército babilônico para devorar Judá. Que ousada afirmação lançada sobre o próprio rosto do Onipotente!

Para Habacuque, a tolerância divina da Babilônia era incoerente com a santidade de Deus. O Senhor permitia que os mais perversos devorassem os menos perversos. Nisto, onde estava a santidade de Deus? Em especial, a intenção de Deus de manter silêncio ("reténs tua língua")? Aquele que testemunha um pecado e guarda silêncio é participante da culpa do pecado (Lv 5.1). Como Deus poderia ficar quieto enquanto Nabucodonosor devorava Jerusalém e fazia marchar rumo ao exílio homens justos como Daniel, Sadraque,

Mesaque, Abede-Nego e Ezequiel? Ele permaneceria silente enquanto o santo Jeremias derramava lamentações?

O profeta, em oração, elaborava poeticamente o holocausto que Judá logo teria que suportar.

Em razão de nossa miopia em relação aos circuitos da história, referimo-nos às atrocidades do Terceiro *Reich* de Hitler contra os judeus como *o* holocausto. Esse foi apenas um entre muitos. Houve um holocausto dos judeus sob a Assíria; um sob Babilônia; um sob Roma e outro perpetrado durante a Segunda Guerra Mundial. Permanece verdadeiro em nossos dias o insistente antissemitismo que ameaça os judeus de Israel e de outros lugares.

Habacuque nos deu uma descrição vívida e acurada da conquista babilônica. Os homens criados à imagem de Deus seriam apanhados como peixes, com anzóis e redes. A arte babilônica pintou os resultados da vitória nos mesmos termos. Os capturados, que marchavam rumo ao cativeiro, eram presos por anzóis literais que traspassavam o lábio inferior de cada pessoa. Tal crueldade era celebrada com soberba pelos captores. Os derrotados não recebiam nenhum gesto de piedade. Falsos deuses eram cultuados enquanto se rendia a Babilônia poder extraordinário sobre a multidão de nações enquanto implacavelmente "pescavam" mais vítimas. O profeta ora contra a mais profunda depravação humana que ora esmagava o mundo civilizado.

Um passo atrás

Habacuque está plenamente ciente de que sua ousadia na oração atingia o limite do atrevimento diante de Deus. Ele não acusava a Deus propriamente de pecado. Entretanto, argumentava que os meios escolhidos pelo Senhor para castigar Judá aparentemente eram incoerentes com sua santidade. Todavia, o homem de oração esperava pela continuação do diálogo. Deus responderia à oração. O profeta assumiu uma atitude defensiva esperando que Deus o censurasse pela impetuosidade:

> Por-me-ei na minha torre de vigia,
> colocar-me-ei sobre a fortaleza
> e vigiarei para ver o que Deus me dirá

e que resposta eu terei à minha queixa.
Habacuque 2.1

Deus responde à oração. Você vela e aguarda as respostas divinas? Quando se mostra ousado e luta com Deus, crê que suas afirmações ignorantes e voluntárias diante do trono celestial podem gerar desprazer no Pai? Há pulsações do espírito em que ousadamente defendemos nossa causa (em especial quando maciças hecatombes humanas se aproximam), e então passamos a temer que até mesmo nossas orações não desfrutam o prazer do Senhor.

Neste ponto, o diálogo não é completado. Deus tem mais a dizer. E também Habacuque.

4. Uma revelação para todos os tempos

Habacuque mantinha a postura vigilante (2.2-4). Ele esperava com confiança a resposta do Altíssimo à sua oração. As palavras do profeta chegaram ao limite da impudência no diálogo com o Onipotente.

Tem-se sugerido que o Santo certamente não podia manter silêncio enquanto as atrocidades pagãs eram desenfreadas contra o Israel culpado (porém menos perverso). O profeta antecipava ser corrigido pelo próprio Deus. O homem de Deus que orava pela salvação de seu povo não ficaria desapontado. Jeová lhe "respondeu" prontamente (Hc 2.2). Todavia, para sua surpresa, não se percebeu a repreensão do Senhor. Do "abraço"[2] do profeta que luta com Deus havia de vir uma revelação central à mensagem da Escritura.

A natureza da Bíblia

Deus falou com Moisés "face a face", inclusive com toda clareza (Nm 12.6). Da mesma maneira, o Pai falou com seu Filho que habitava em seu seio (1Co 13.12; Jo 1.18). Entretanto, o Senhor se fez conhecer a muitos "em visão" ou "em sonhos" (Nm 12.6). A resposta do Senhor a Habacuque veio na forma de "visão". As primeiras palavras dirigidas a ele foram uma ordem de "escrever a visão" (Hc 2.2) que estava para começar. O Deus de toda a terra designara uma revelação escrita acerca de si mesmo e de seus propósitos que proveriam a humanidade da própria mente aberta em palavras humanas escritas. De modo consciente, ele dava autoridade à Escritura. Portanto, todos os seus ditos são inspirados por Deus.

O produto do livro de Habacuque não consiste no oferecimento humano de seu pensamento original, tampouco se originaria de sua própria vontade (2Pe 1.20, 21). Habacuque escreveu por iniciativa do Senhor. A mensagem lhe foi dada em uma visão pela vontade de Deus. Como consequência, do mesmo modo que se dá com toda a Escritura, este livro contém qualidades que os meros escritos humanos não podem refletir.

Deus se preocupa aqui, como em todos os outros lugares da Bíblia, com a clareza de sua revelação. “Deixa claro” (Hc 2.3). Muitas religiões antigas consistiam em “seitas de mistério”. Alegavam possuir a verdade, mas seus escritos eram fechados. Só os iniciados tinham o código secreto por meio do qual poderiam entender a verdade. Deus falou de tal modo que podia ser entendido com clareza. Ele não escondia segredos. Jesus disse: “O que vos digo às escuras, dizei-o a plena luz; e o que se vos diz ao ouvido, proclamai-o dos eirados” (Mt 10.27). A igreja é a “coluna [...] da verdade” (1Tm 3.15), mantendo seus ensinamentos em lugar alto para que todos os vejam.

Uma versão moderna das religiões de mistério se encontra na sugestão de que nenhuma pessoa comum pode ler a Bíblia e entendê-la. Devemos ter estudiosos que abram a verdade por meio de seus estudos da arqueologia, história antiga ou formas poéticas que ocultam o significado real. Isto remove a Bíblia das pessoas comuns e as torna plenamente dependentes do sacerdócio da comunidade acadêmica. Por este método, uma interpretação diferente é hoje colocada na própria doutrina que Habacuque havia de escrever com clareza,[3] para que os mensageiros que passam correndo possam lê-la às multidões (Hc 2.2).

Deus assevera ainda a completa confiabilidade da Escritura: “Não falhará” (Hc 2.3). Não existe nada de enganoso nas palavras de Deus. Como Jesus ensinou: “A Escritura não pode falhar” (Jo10.35). Não existe na Bíblia mistura de erro com verdade. “Certamente virá” (Hc 2.3). Acontecerá como foi dito. A glória do homem (seu academicismo e teorias) murchará e desvanecerá, “porém a palavra do Senhor permanece para sempre” (1Pe 1.24, 25).

A profunda revelação dada a Habacuque

> Eis o soberbo!
> sua alma não é reta nele,
> mas o justo viverá pela sua fé.
> Habacuque 2.4

Só dois tipos de seres humanos já viveram sobre a terra: *os homens soberbos* e *os de fé*. O contraste é a chave para a história que abre

o significado de cada geração viva sobre a terra. Nesta afirmação estão envolvidas todas as eras do Antigo Testamento e do Novo.

1. A pessoa soberba não é reta e, assim, está destinada a morrer.

2. O justo viverá por sua fé.

Há três contrastes ou declarados ou implícitos entre as duas categorias de homens:

1. O soberbo é contrastado com o crente (pessoa de fé).

2. O “não reto” (ou injusto) é contrastado com o justo.

3. Um é destinado a morrer; o outro, a viver.

O Senhor Jesus explicou no ensino da justificação o contraste entre soberba e fé. Como nosso Senhor observou, as pessoas “que confiavam em si mesmas de que eram justas e desprezavam os demais” (Lc 18.9). Ele ensinou em uma parábola que “dois homens [...] subiram ao templo para orar”. Na verdade, o fariseu não orava a Deus, falava apenas “consigo mesmo”. A oração genuína dirigida a Deus confia no socorro divino. Em vez disso, o fariseu se gabava diante de Deus de sua superioridade em relação aos demais homens e de seus empreendimentos religiosos (Lc 18.11, 12).

Com evidente contraste, o coletor hesitou em se aproximar de Deus, porque sua consciência estava ferida com culpa e vergonha. Ele confessou ser “pecador”, rogou que Deus lhe fosse propício (ou apaziguado) por meio do sacrifício designado (Lc 18.13).

Enquanto o fariseu nutria autoconfiança e autodefesa diante de Deus, o coletor “não nutria confiança na carne” (Fp 3.3). Ele confiava inteiramente na graça perdoadora de Deus decorrente do sacrifício que satisfizesse a justiça divina respectiva a seus pecados. Pelo fato de o coletor confiar apenas em Deus para a obtenção do perdão, ele “desceu para sua casa justificado” (Lc 18.14). A justificação foi imediata diante de Deus com base na expressão de sua fé.

Nosso Senhor adicionou a seu ensino o princípio que explica a experiência humana: “Porque, todo o que se humilha será exaltado” (Lc 18.14). A soberba é o exato oposto da fé, como Habacuque escreveu claramente.

Além do mais, o apóstolo Paulo citou Habacuque 2.4 como o tema da grande epístola aos Romanos (Rm 1.17). Também tomou o texto como decisivo em Gálatas 3.11. Em ambos, Paulo apresenta o único caminho para os homens serem justificados junto a Deus. A soberba só mostra sua adesão à essência do pecado. A alma soberba "não é reta" (Hc 2.4). Os homens se tornam justos "por meio da fé" (Hc 2.4). Paulo chega a essa conclusão explícita em Romanos 10.9, 10: "Se com a tua boca confessares Jesus como Senhor, e em teu coração creres que Deus o ressuscitou dentre os mortos, serás salvo. Porque com o coração se crê para a justiça e com a boca se confessa a respeito da salvação".

Deus declara que algumas pessoas possuem a justiça; elas a recebem só pela fé. Não se trata de um tipo de justiça pessoal, ela procede de outra pessoa e é lançada em sua conta. Naturalmente, a epístola de Paulo explica de modo triunfante que "o dom da justiça" é "por meio de Jesus Cristo" (Rm 5.1-21). Seu nome é: "O SENHOR justiça nossa" (Jr 23.6)!

Quem não confia por inteiro em Cristo para receber a justiça, mas dá crédito aos próprios feitos, receberá o salário de seu pecado: a morte. O *dom* de Deus é a vida eterna em Cristo nosso Senhor (Rm 5.21; 6.26). E assim os grandes contrastes de Habacuque são enfatizados na era evangélica: soberba *versus* fé; injustiça *versus* justiça; e morte *versus* vida.

O contexto pessoal de Habacuque

Habacuque buscou as misericórdias vivificantes de Deus para sua nação, para ser apenas informado que um feroz império pagão vandalizaria seu povo. O profeta anelava pelas bênçãos que logo se manifestariam em sua terra e em seu templo. Entretanto, ele, como os santos dos dias de outrora, punha a fé em ação. Uma expectativa de triunfo imediato requer menos fé.

Abraão, por exemplo, teve que viver grande parte de sua vida sem herdeiro e nunca viu uma descendência numerosa, ainda que Deus houvesse prometido tais bênçãos. Ele morreu sem ter possuído a terra da promessa, nem o Descendente em quem todas as nações da terra seriam abençoadas. Aquele que "creu em Deus e isso lhe foi imputado para justiça" (Gn 15.6), não obstante "aguardava a

cidade [...] cujo arquiteto e edificador é Deus" (Hb 11.10). A fé abraça as promessas escritas, porém não cumpridas, das palavras de Deus.

Em Habacuque 2.3, o homem de Deus é informado de que "a visão (descortinada diante dele) está para cumprir-se no tempo determinado". Ela continha uma promessa para os judeus e não se destinava ao cumprimento imediato. Além do mais, a visão escrita "se apressa para o fim" prometido. A Escritura é "viva e poderosa" (Hb 4.13). Ela pode não só penetrar o coração do homem, como o texto de Hebreus nos informa. Ela "se apressa para o fim" (Hc 2.3) de que fala. A Palavra de Deus move a história rumo aos resultados prometidos com tanta segurança como sua palavra criadora trouxe o mundo à existência.

É à confiança na Palavra que Habacuque e nós somos chamados a crer. Em nossos dias, todas as aparências parecem mover-se na direção oposta. Ela foi a fé registrada em Hebreus 11 em referência a muitos. E ela deve ser também nossa fé. Somos chamados à fé que tem por base apenas a Escritura, não os noticiários ou a visão de cumprimentos atuais. Assim, Habacuque e nós somos informados:

> Se tardar, espera-o;
> porque certamente virá,
> não tardará!
> Habacuque 2.3

Em nosso tempo, as promessas podem parecer adiadas, mas não haverá prorrogação do cumprimento no tempo determinado por Deus. A fé é sempre desafiada a esperar, em vez de obter todas as bênçãos agora. "Deixando os ídolos, vos convertestes a Deus, para servirdes o Deus vivo e verdadeiro, e para aguardardes dos céus seu Filho" (1Ts 1.9, 10).

A fé não é crédula, pronta a aferrar-se a toda predição positiva para o futuro. O otimismo da fé está fundado no caráter de Deus, revelado em sua Palavra. Sabemos que Deus pode salvar "com muitos ou com poucos", como foi ensinado por Jônatas, filho de Saul (1Sm 14.6). Sua infinita sabedoria e poder podem reverter os infortúnios dos santos em um instante, com poucos meios. Nosso

otimismo está também estabelecido nas Escrituras por meio de promessas precisas. Visto que o Senhor revelou: “Eu não destruirei totalmente a casa de Jacó” (Am 9.8), sabemos que ele jamais o fará.

Deus prometeu alguns resultados no fim. Portanto, cremos neles, embora todas as circunstâncias atuais pareçam conspirar contra o cumprimento da revelação divina.

Pelo fato de nossa fé (e, portanto, nosso otimismo) confiar de forma integral na Escritura, ela deve ser também temperada pela mesma Escritura. Deus, em tempos de trevas, reaviva assombrosamente a verdadeira religião, de modo que todos admitam que o acontecimento é supernatural. Entretanto, o Senhor nem sempre age assim: “Porque o SENHOR repreende a quem ama, assim como o pai, ao filho a quem quer bem” (Pv 3.12).

Na Escritura, a correção severa aplicada por Deus a seus filhos sempre vinha em momentos que os santos viviam com medidas extraordinárias da graça. Todavia, ele não usava seus dons para reavivar. Como Habacuque falou de seu medo dos golpes esmagadores da Babilônia sobre Judá, ainda no futuro, ele falava de tempos em que não só ele, mas também Jeremias, Daniel e Ezequiel viviam. Mesmo assim, as orações e o ministério fiel deles não foram empregados para acompanhar de imediato o avivamento para impedir o castigo severo.

Cabe-nos reconhecer que nossa mente tem sido assenhoreada em demasia pela interpretação humanística da história da igreja. Mesmo o povo reformado tem se rendido ao conceito do avivamento centrado no homem. É o conceito que sugere que, se pelo menos tivéssemos um líder suficientemente espiritual fazendo as coisas certas, então nos sobreviria o avivamento. Errado! Grandes homens de Deus têm sido chamados para servir mesmo na hora das trevas, que só se tornavam mais escuras à medida que continuaram mantendo a fidelidade. A convicção da veracidade das promessas divinas não vistas torna grande a fé.

O resultado do conceito humanístico do avivamento é que os homens apontam os dedos para os líderes, em tempos difíceis, como um fiasco. A verdade é que o avivamento, embora venha por

meios humanos, confia por inteiro na vontade e no poder divinos. Isto significa que a busca do avivamento não pode ser uma conversa de otimismo ocioso. Ela deve consistir no patrocínio urgente da igreja que conduza a ele.

Todavia, precisamos reconhecer também que a vontade de Deus não é enviar a solução à fraqueza da igreja em cada época. É possível que estejamos sendo chamados a permanecer fiéis em tempos ainda mais escuros no futuro. Pode ser que precisemos "esperar" em cada período sombrio pelas esplendorosas promessas que "certamente virão" no tempo perfeito de Deus.

"A visão ainda está para cumprir-se no tempo determinado" (Hc 2.3). É o tempo que o Senhor determinar.

5. Os grandes propósitos de Deus na história (2.15-17)

Na primeira oração do profeta (Hc 1.2-4), ele indagou do Onipotente até quando poderia suportar a violência e injustiça em Judá. A primeira revelação de Deus ao servo (1.5-11) desvendou a brutal invasão de Judá ainda por vir da parte da Babilônia em resposta ao pecado da nação. Na segunda oração (1.12-2.11), o profeta questionou com ousadia como o Deus santo poderia aprovar o triunfo dos homens mais perversos sobre os menos perversos. Agora passamos a considerar a segunda revelação de Deus feita ao profeta (2.2-20).

Na resposta à oração de Habacuque está a chave para a leitura de toda a história. Um grande conflito grassa sobre a terra. É a colisão entre os soberbos e os homens de fé. Os vangloriosos e arrogantes, que confiam em si mesmos, fazem valer os próprios direitos. Os justos depositam em Deus toda a sua confiança. Em toda a história, o Deus onipotente segue resistindo os soberbos, porém dá graça aos humildes (Hc 2.4). Em Habacuque 2.5-20, o Senhor aplica este princípio a Babilônica, a nação furiosa e tirânica. Entretanto, a mesma resposta do soberano trono de Deus é dada a cada poder jactancioso sobre a terra.

Em Habacuque 2.5, o Deus que conhece todos os corações descreveu o ameaçador Império da Babilônia. A história da Babilônia é caracterizada pelo uso excessivo de álcool. A soberba humana era sustentada pela paixão embriagada. De noite, Babilônia caiu sob as forças da Pérsia; todos os seus líderes se achavam embriagados em uma orgia palaciana. Dominados por desejos tão insaciáveis como a morte e a sepultura, o império cumulou-se de nações cativas e do despojo de suas conquistas.

Deus destinou Babilônia ao opróbrio

Naturalmente, os soberbos, como sempre ocorre, insultavam as vítimas, como os fariseus insultaram Cristo na cruz. Como consequência, Jeová expressou cinco de seus próprios insultos contra os babilônios soberbos. Suas afirmações garantem a

Habacuque que a Babilônia não teria a última palavra na história. Deus os traria à ruína depois que arruinaram a soberba Judá.

Os cinco insultos proferidos pelo Deus vivo da providência são marcados por exclamações nos versículos 6, 9, 12, 15 e 19. Em muitas versões bíblicas, a exclamação é traduzida por “Ai”. Como o Dr. Palmer Robertson nos mostrou, a palavra é traduzida mais apropriadamente por “Ah!”. Deus zomba dos zombadores.

Em um período anterior da história de Israel, um guerreiro gigante se pôs diante das forças judaicas, convidando-as a enviar-lhe seu melhor homem para lutar com ele. Com soberba máxima, gritou: “Hoje, afronto as tropas de Israel” (1Sm 17.9). Este homem de dimensões gigantescas, usava ama armadura de proporção também gigantesca e portava armas hercúleas. Ele se posicionou diante dos judeus. Um moço com roupas de pastor foi se aproximando dele. Então, o moço disse: “Vou contra ti em nome do SENHOR dos Exércitos, o Deus dos exércitos de Israel, a quem tens afrontado. Hoje mesmo, o SENHOR te entregará nas minhas mãos; ferir-te-ei, tirar-te-ei a cabeça” (1Sm 17.45*b*, 46*a*). E assim o insultador foi insultado.

Os versículos 6 a 8 de Malaquias 2 apresentam o primeiro insulto dirigido à Babilônia e a cada soberbo, opressores rivais na história. É como se Deus apontasse com o dedo e gritasse: “*Ah! O que despojava é despojado*”. Vem o dia em que o remanescente de todas as nações que Babilônia despojou se levantará e despojará a própria Babilônia (v. 8). Deus, porém, fala não só dos espólios das campanhas militares. As nações vencedoras também impuseram termos injustos de mercado e crédito aos que elas oprimiam. Praticando uma política de impostos pesados e juros excessivos para empréstimos, voltarão a abocanhar os soberbos que usaram tais medidas contra outros (v. 6, 7).

Os versículos 9 a 11 apresentam o segundo insulto de Deus: “*Ah! Vocês que põem seu refúgio em lugares esboroados*”. Homens e nações perseguem o “lucro ímpio” (v. 9) a fim de prover proteção para suas casas. Estão edificando a “segurança” futura para suas famílias, para suas dinastias e para suas nações e impérios. São como falcões e águias que constroem ninhos nas escarpas das

rochas (v. 9*b*). Não obstante, essas fortalezas entrarão em colapso. Os vitoriosos soberbos ouvirão as pedras de seus muros e as vigas das madeiras de seu edifício clamarão contra eles (v. 11) quando esfacelarem no chão. “A soberba precede a ruína, e a altivez do espírito, a queda” (Pv 16.18). “O SENHOR deita por terra a casa dos soberbos” (Pv 15.25).

Nos versículos 12 a 14, o insulto provém da boca do Senhor: “*Ah! Seus esforços resultam em nada!*”. Babilônia organizou seu povo para edificar vilas, cidades e nações. Tudo isso era feito com sangue derramado. Eles procediam assim como agora as nações costumam fazer — almejando alvos humanos soberbos. O secularismo (em que o homem, não Deus, motiva seus esforços) conduz aos alvos do materialismo, hedonismo e feminismo. Toda essa construção será queimada nas fogueiras dos juízos divinos. Ela provará ser mera vaidade (futilidade).

Em quarto lugar, são informados nos versículos 15 a 17: “*Ah! Vocês que humilham outros serão envergonhados publicamente*”. Entretenimentos lascivos e selvagens à custa de outros causarão aversão a seus olhos. O que vocês consideram sua glória é sua desonra. Vocês sentirão seu menosprezo diante das multidões e no último juízo.

O propósito do Deus gracioso não é obstruído por seus inimigos

No meio deste indiciamento competitivo do Império Babilônico, o Senhor explica por que tudo isso deve ser assim:

> Pois a terra se encherá do conhecimento
> da glória do SENHOR,
> como as águas cobrem o mar.
> Habacuque 2.14

Deus decretara o ponto terminal da história humana. Quando a narrativa for totalmente completada, cada um verá como cada acontecimento e cada era serviram a este fim.

Esta não foi a primeira vez que Deus pronunciou estas mesmas palavras pelas bocas de seus profetas. Em Números 14, o povo de Israel recusara-se entrar na Terra Prometida quando Deus lhes

disse para o fazer. Planejaram abertamente escolher um novo líder para substituir Moisés e os levar de volta ao Egito. Deus achou necessário amaldiçoá-los com quarenta anos de peregrinação pelo deserto até que todos os rebeldes adultos morressem.

Todavia, o Senhor proclamou na ocasião: “Porém, tão certo como eu vivo, e como toda a terra se encherá do conhecimento da glória do SENHOR” (Nm 14.21).

Igualmente, em Isaías 10 e 11, Deus falou aos soberbos da Assíria com a predição:

> Mas eis que o SENHOR,
> o SENHOR dos Exércitos,
> cortará os ramos com violência,
> as árvores de alto porte serão derribadas,
> e as altivas serão abatidas.
> Isaías 10.33

Com isto pode-se contrastar aquele ramo que brota da raiz de Jessé (Is 11). Quando o Ramo (o Messias) e seu reino são descritos, lemos: “Porque a terra se encherá do conhecimento do SENHOR, como as águas cobrem o mar” (Is 11.9).

A suprema resposta ao soberbo humanismo em todas as suas formas é daquele que disse: “Porque sou manso e humilde de coração” (Mt 11.29). É ele de cuja vinda foi dito:

> A glória do SENHOR se manifestará,
> e toda carne a verá,
> pois a boca do SENHOR o disse.
> Isaías 40.5

Reiterando, neste lugar se ordena que os profetas dissessem: “Dize às cidades de Judá: Eis aí está o vosso Deus!” (Is 40.9).

O reino de Deus sob Cristo cumprirá a promessa

O Novo Testamento nos informa que o evangelho de “Cristo Jesus o Senhor” é o evangelho da glória (2Co 4.4). A glória fala de esplendor e grandeza. E “a glória de Deus” está “na face de Jesus Cristo” (2Co 4.6). Cristo é a imagem de Deus (2Co 4.4). Ele é o esplendor da glória do Pai e a imagem expressa de sua pessoa (Hb

1.3). O apóstolo testificou: “E vimos sua glória, glória como a do unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade” (Jo 1.14).

O conhecimento da glória de Deus está, por determinação divina, destinado a cobrir toda a terra. Ela há de ser vista por todas as nações, não só pelos judeus, a nação de Habacuque. Em Salmos 2, Deus se ri das nações que promovem rebelião contra ele e seu Messias. Desafiando a vontade delas, Deus põe seu Rei sobre Sião e lhe promete as nações por herança e as partes mais remotas da terra por sua possessão.

O deus deste século (Satanás) tem cegado os homens para que não vejam a glória de Deus na face de Jesus Cristo (2Co 4.4). Os que não podem ver a glória estão agora perecendo (2Co 4.3). Entretanto, no processo da história, o Deus que ordenou que a luz brilhasse do meio das trevas brilhará sobre uma multidão de corações com o fim de dar-lhes a luz do conhecimento da glória de Deus em Cristo (2Co 4.6).

O conhecimento da glória de Deus encherá a terra como as águas cobrem o mar (Hc 2.14). Os judeus estavam servindo às finalidades de Deus neste propósito quando foram severamente castigados pela vara de Babilônia. Um dia retornariam à sua terra e através deles o Messias viria, em cuja face brilharia a glória de Deus de forma suprema e salvífica. Um grande movimento missionário levaria o evangelho desta glória aos confins da terra. No Messias viria o triunfo da fé sobre a soberba. A confiança em Deus seria exaltada acima da autoconfiança humana, seja intelectual ou física.

Paralelos modernos

Nós que vivemos no Ocidente (Europa e América) somos muito privilegiados por contarmos com a história do conhecimento que nossos pais tiveram da glória de Deus. Nós temos servido mais ao propósito de estender o conhecimento da glória de Deus em Cristo em grande parte da terra, “como as águas cobrem o mar”. Todavia, tem-se introduzido na sociedade moderna uma “iluminação” edificada sobre a soberba do intelecto humano. Essa soberba tem sido vista no crescente desafio a todo o conhecimento de Deus e de sua glória, e em crescentes tentativas de diminuir sua importância.

O avanço da soberba nas observações e pensamentos do homem ocidental confina a fé a um canto.

O Ocidente de nossos dias promulga outra vez a trágica autodestruição das antigas culturas clássicas da Grécia e de Roma. Agora, como antes, as universidades e os governos estão "suprimindo a verdade pela injustiça" (Rm 1.18). "Professando ser sábios, tornaram-se loucos" (Rm 1.22). Como Jesus explicou: "Todo aquele que pratica o mal aborrece a luz e não se chega para a luz, a fim de não serem arguidas suas obras" (Jo 3.20). Por causa da hostilidade à verdade: "Deus entregou tais homens à imundícia, pelas concupiscências de seu próprio coração, para desonrarem o seu corpo entre si" (Rm 1.24). Esta é a primeira fase de "a ira de Deus se revelar do céu contra toda impiedade e perversão dos homens" (Rm 1.18).

Com que isso se parece? "E, por haverem desprezado o conhecimento de Deus, o próprio Deus os entregou a uma disposição mental reprovável, para praticarem coisas inconvenientes, cheios de toda injustiça, malícia, avareza e maldade; possuídos de inveja, homicídio, contenda, dolo e malignidade; sendo difamadores, caluniadores, aborrecidos de Deus, insolentes, soberbos, presunçosos, inventores de males, desobedientes aos pais, insensatos, pérfidos, sem afeição natural e sem misericórdia" (Rm 1.28-31).

Quando a decadência moral consome toda a força das nações, elas cairão presas dos impérios violentos e malignos. Após isso virá o juízo ante o trono de Deus.

Com a apostasia contínua da fé para a soberba, vivemos sob a ameaça do castigo divino, como fez Judá. Se não houver arrependimento sério e abrangente, acharemos difícil esconder-nos de nossos inimigos sob a sombra da asa de Deus.

O perigo cabe a *nós*, não à causa do *conhecimento* da glória de Deus que abrange toda a terra. Deus não necessita de nós para dar o Messias às partes mais remotas da terra. Ele cumprirá seu grande propósito com ou sem nós.

É a soberba do humanismo e a rejeição da revelação divina que devem abalar-nos, ou Deus abalará seriamente nossas nações.

6. O ridículo definitivo da soberba (2.18-20)

Deus, que fez o céu e a terra e tudo quanto existe, com a exceção de si mesmo, possui um trono que domina sobre todos os governos terrenos e sua história. A partir desse trono, o Onipotente age segundo a sua vontade, lançando abaixo os soberbos e exaltando os humildes.

Sob seu governo soberano, o único Deus verdadeiro faz uso até mesmo das nações arrogantes e violentas para punir as outras sociedades terrenas que jazem imersas na contramão de suas leis santas. No entanto, qualquer nação que vive por sua soberba, e não pela fé humilde, será precipitada na ruína quando o Rei celestial deixar de fazer uso dela. Assim, quando o governante vanglorioso e sua nação se depararem com a ira divina, serão expostos como loucos.

Uma das nações mais pomposas da história foi a Babilônia. Seu exército se enfureceu contra o Senhor e seu Messias. Todavia, aprouve a Deus empregar a Babilônia para ministrar severa correção ao reino de Judá renitente com outras sociedades depravadas. Assim que Babilônia começou a tomar conselho contra o Senhor e contra seu Ungido, o Senhor que se assenta nos céus se riu dela. Em rápida sucessão, Deus lançou de sua boca insultos zombeteiros contra a nação perversa (Hb 2.4-19). Sempre há plena certeza de que os soberbos (indivíduos e nações) não terão sucesso nos propósitos malignos, a não ser à medida que Deus quiser usá-los para seus próprios fins justos.

Os males da falsa religião

Habacuque 2.18-20 nos demonstra o pináculo do escárnio que o Senhor sempre lança contra os soberbos. O ridicularização divina lançada contra a Babilônia aumentou gradualmente de tonalidade (v. 6, 7, 9, 12, 15). Agora o crescendo da zombaria estilhaça o bronze nos versículos 18 e 19. Aqui, Jeová satiriza o homem soberbo de todos os tempos pelo elemento mais absurdo e mais sem sentido de seus caminhos errantes:

> Não há temor de Deus diante de seus olhos. (Sl 36.13)

Judá caiu sob a chibata da Babilônia porque seus cidadãos viraram suas costas para o único Deus verdadeiro e seguiram as falsas religiões em seu culto aos ídolos. Agora a própria Babilônia seria destruída pelo próprio culto aos ídolos. Na noite em que Dario, o medo, capturou Babilônia e matou Belsazar, governante do reino e filho de Nabucodonosor, o rei e seus nobres passaram a beber dos copos levados de Judá quando do saque do templo em Jerusalém. Apareceu de maneira supernatural, aos que festejavam, uma mão que escrevia na parede.

Daniel, até então ignorado, foi chamado a fim de explicar esta terrível visão. O profeta de Deus lembrou a Belsazar que seu pai havia “reconhecido que Deus, o Altíssimo, tem domínio sobre o reino dos homens e a quem quer constitui sobre eles” (Dn 5.21). Então acrescentou: “Tu, Belsazar, que és seu filho, não humilhaste o coração, ainda que sabias tudo isto. E te levantaste contra o Senhor do céu, pois foram trazidos os utensílios da casa dele perante ti, e tu, e os teus grandes, e as tuas mulheres, e as tuas concubinas bebestes vinho neles; além disso, deste louvores aos deuses de prata, de ouro, de bronze, de ferro, de madeira e de pedra, que não veem, nem ouvem, nem sabem; *mas a Deus, em cuja mão está a tua vida e todos os teus caminhos, a ele não glorificaste*” (v. 22, 23).

Os primeiros quatro dos Dez Mandamentos de Moisés dizem respeito a:

1. Quem cultuamos.
2. Como o cultuamos.
3. Com que reverência devemos usar seu nome.
4. Que ocasião devemos dedicar-lhe.

A questão do temor e culto ao único e verdadeiro Deus vem primeiro e é expressa com mais extensão que os seis mandamentos restantes, pois este é o elemento vital da moralidade.

Sem a existência do temor a Deus, os mandamentos restantes não serão estabelecidos na vida pessoal ou nacional. Pecar contra Deus, nosso Criador e Juiz, é muito mais sério que pecar contra o homem. As ofensas feitas aos homens são tão graves porque toda a

humanidade foi feita à imagem divina. Portanto, guardar os últimos seis mandamentos é “equivalente” a guardar os primeiros quatro.

Juízo sobrevém aos homens e às nações soberbos porque têm Deus em desprezo e se devotam à falsa religião. Desde os primeiros dias de vida na terra os homens têm inventado sistemas de religião à revelia do culto estipulado pelo Deus verdadeiro e vivo.

Enquanto Abel seguiu com humildade as diretrizes divinamente outorgadas para o culto, Caim, o soberbo, inventou outro esquema que lhe parecia superior ao ditado pelas palavras de Deus. Mais tarde, assim que Noé, Sem, Cam e Jafé saíram da arca, a humanidade passou a cultuar uma grande quantidade de deuses por meio de imagens esculpidas e gravadas. O culto impróprio ao Deus verdadeiro e o culto aos falsos deuses sempre envolveram o uso de ídolos.

Quando Deus declarou à Babilônia (e a todos os soberbos) que seus deuses e seu culto não valiam nada, ele dirigia a atenção para o aspecto mais absurdo do pensamento e comportamento humanos. “Que aproveita o ídolo?” (Hc 2.18*a*).

A clara afirmação do Deus Altíssimo deveria lançar confusão no coração de quem alega cultuar o Deus da Bíblia, mas permanece reverenciando as imagens feitas pelo homem. Além disto, o único Deus verdadeiro e vivo enfatiza a completa futilidade de *todas* as divindades e religiões imaginadas pelos homens. Os juízos temporais são enviados por Deus justamente em razão desses pecados.

As nações ocidentais têm tido pais nas famílias e pais nacionais entre seus governantes que curvam os joelhos diante do Deus da Escritura. Entretanto, em geral, tem se tornado uma opinião aceita da parte das nações ocidentais que se deve demonstrar igual respeito a todas as religiões. O “iluminismo” fez oposição aos primeiros quatro mandamentos. É sem sentido a invenção moderna da “tolerância” ou de dar igual posição a todos os deuses e a todas as religiões. As imagens, ou os sistemas religiosos que as produziram, não têm nenhum proveito. Todavia, os ocidentais se sentem enobrecidos e honrados por contradizerem a declaração fundamental da Palavra de Deus.

As imagens ensinam mentiras! “A imagem de fundição, mestra de mentiras” (v. 18*b*). Tais imagens são feitas pelos homens.

Como, pois, os homens podem volver-se e depositar confiança na obra das próprias mãos? Nas imagens não há fôlego nem vida. Como podem ajudar quem as adora? Como podem elas levantar-se e livrar quem ora a elas? As imagens só desencaminham.

Deus, nosso Criador

O Deus da Bíblia é o nosso Criador! Ele é digno de confiança. Trata-se do Espírito que criou tudo que existe fora dele mesmo. Portanto, ele tem poder sobre toda a criação.

Não desconsidere a importância da negação iluminista sobre o ensino bíblico da criação. Esse princípio (evolucionista) da fé moderna representa o esforço filosófico (não científico) para destruir a fé no Criador do céu e da terra. Ele constitui a tentativa de reduzir o Deus da Escritura ao nível de todos os ídolos feitos pelo homem. Aliás, os arrazoados do chamado homem “iluminado” são meras especulações de que a criação é uma falsidade inventada pela mente humana. Ele considera a doutrina da criação semelhante às tentativas artísticas de criar uma divindade proveniente da imaginação.

Deus tem falado

Como os ídolos são criados, e não criadores, eles são também “mudos” (v. 18). Eles não falam a seus adoradores. As falsas religiões estão saturadas de ideias e palavras religiosas. Entretanto, todas as palavras e os pensamentos originam-se nos homens. Nosso Deus falou em linguagem humana e registrou para nós suas palavras na Escritura sagrada. Contudo, o liberalismo e a neo-ortodoxia, ao defenderem os ensinos iluministas, vão longe demais quando convertem a Bíblia em meras palavras humanas sobre Deus.

Negar a obra de Deus na criação e sua revelação em palavras humanas resulta dos esforços maciços de quem proclama os conceitos iluministas. Se todas as religiões forem reduzidas ao mesmo nível, torna-se perfeitamente claro que nenhuma delas é muito útil. Se o Deus da Bíblia pode ser reduzido para caber na

categoria dos ídolos, sem criar nem falar, apenas inventado pelos homens, não será de mais proveito que as formas religiosas mais vis já encontradas.

Todos os ataques contínuos contra Deus, envidados pela sociedade ocidental iluminista, têm por alvo desviar a confiança humana de Deus e tornar surdo o ouvido do homem para não ouvir as palavras divinas. À medida que as proclamações iluministas angariam sucesso nas instituições educacionais e nos governos, elas conduzem ao orgulho sempre mais elevado no interior do homem. A mente humana é agora o objeto de confiança. Por exemplo, a mente dos professores universitários, nossa própria mente e nossa perspectiva científica são tidas como supremas. Os educadores, legisladores e cientistas têm por ofício se estabelecer a si mesmos como detentores da palavra final. Eles labutam para tomar para si a fé devida só a Deus. Nada disso tem algum proveito, pois existe o Deus que inspira; *existe* o Deus que produz palavras. *Suas* palavras criam e destroem. *Suas* palavras apontam o caminho para a vida neste mundo e no por vir. *Suas* palavras levam todos os homens ao juízo final.

A resposta ao esquema do pensamento ocidental é a afirmação de Habacuque 2.20:

> O SENHOR, porém, está no seu santo templo;
> cale-se diante dele toda a terra!

Toda a tagarelice dos homens sobre esses temas, sejam eles acadêmicos, governantes ou sacerdotes, é impertinente e absurda. A realidade da existência divina em seu templo celestial, descrita em Isaías 6, Hebreus 12 e Apocalipse 4 e 5, compele todos os soberbos inventores humanos ao silêncio diante do Criador de todas as coisas e ao Revelador de toda a verdade.

A neutralidade secular equivale ao abandono da moralidade. Os homens seculares ocidentais presumem-se capazes de eliminar a religião da vida prática e das decisões políticas. Todavia, as guerras que nos atingem são de natureza religiosa. Historicamente, quando católicos e protestantes cessaram de enfrentar seus exércitos na Europa, logo surgiu Napoleão tentando impor o ceticismo da Revolução Francesa em outras nações. Mais recentemente, a

religião fanática de Hitler e ainda outra no Japão forçou muitas nações à guerra mundial. Hoje, como antes, o antissemitismo circula entre as nações islâmicas onde o *Mein Kampf* [Minha luta] é leitura popular. O islamismo militante é abertamente antijudaico e anticristão.

Silêncio diante de Deus

Aos soberbos agressivos, Deus diz: “Aquietai-vos e sabei que eu sou Deus”, como se quisesse dizer: “Eu não sou como os ídolos-deuses de vocês, formados por suas mãos humanas para sua conveniência. Eu os fiz e os formo, onde se encontram e onde sua vida termina. Não estou calado, tenho falado. Por meio de minhas palavras, a vida é dada ao homem; e só por meio de minha palavra este terá a vida eterna. Que a oposição de vocês a mim emudeça!”.

Aos crentes agitados, Deus diz: “Aquietai-vos e sabei que eu sou Deus”. Isto equivale a dizer: “Eu sustenho em minha mão todos os inimigos que os ameaçam. Embora eles façam minha vontade, jamais destruirão meu povo! Coloco meus servos (José, Mordecai, Daniel e Neemias) nas posições mais poderosas dos governos pagãos para que preservem meu povo. Envio anjos para impedir os inimigos de obliterar meu povo nos ataques mais destrutivos (Ez 9). As portas do inferno não podem destruir a igreja de Cristo (Mt 16.18). Da mesma maneira, ninguém conseguiu eliminar o povo judeu da terra, embora muitos tenham tentado o genocídio contra eles. Silenciem seus temores!”.

A infinita distância entre a dignidade de Deus e a de todas as criaturas demanda reverente silêncio diante dele. Ele fala, e temos que ouvir! No monte da Transfiguração, Deus exibiu a glória de Cristo com vivacidade singular. Em resposta, Pedro começou a expor sem pensar as ideias de atividade e palavras de admiração de tudo que via. Uma Voz celestial o interrompeu e disse: “Este é o meu Filho amado, em quem me deleito. Ouvi-o!” (Mt 17.5). Escutem-no! Mantenham silêncio diante dele! Quando Deus está perto e descortina a própria glória, a santa quietude sobrevém às assembleias dos homens, cujo poder é sentido até mesmo pelos pequeninos presentes.

Muito do culto moderno, ao qual dão o título “cristão”, apresenta uma agitação que a todo momento enche a “igreja” de realizações humanas, de discurso humano e de cântico humano. Mas nosso Deus se pronunciou. Por fim, ele falou por meio de seu Filho. Vamos ouvi-lo!

Aquietem o coração; olhem para ele com reverência; e que suas palavras sejam o elemento dominante do culto! Não as palavras de *vocês*, e sim as *dele*, são de suprema importância.

7. A terceira oração de Habacuque (3.1-19)

O terceiro capítulo de nosso livro profético contém a oração final registrada deste homem de Deus. Jeová não dá nenhuma resposta a esta oração. Com efeito, o capítulo 3 é a resposta de Jeová às duas orações anteriores. A resposta não é expressa verbalmente pelo Senhor, mas é operada no coração e palavras de Habacuque.

Todavia, a terceira oração não é um exercício apenas espiritual de um homem de Deus, como o foram as duas primeiras. A oração se destina ao uso público como se vê no versículo 1: "Oração do profeta Habacuque sob a forma de canto [*shigyonot*]" e pelo versículo 19: "Ao mestre de canto. Para instrumentos de cordas".

A oração se destinava a ser entoada pelos judeus fiéis no templo em Jerusalém quando o terror babilônico se avizinhava. Destinava-se a ser entoada pelos judeus fiéis oprimidos no exílio. Destinava-se a ser entoada após a restauração.

Preparação para a oração

A última resposta verbal de Jeová ao Profeta em oração se encontra em Habacuque 2.20:

> O Senhor, porém, está no seu santo templo;
> cale-se diante dele toda a terra.

O Onipotente habita em seu templo. O templo é o lugar em que Deus é cultuado, mas serve também como a sala do trono (a sede do governo) para o Pai e para o Filho! (Note o trono na sala-templo composta em Isaías 6 e em Apocalipse 5, 6 e 21.22.)

As primeiras duas orações de Habacuque foram compostas de queixas agitadas dirigidas ao Altíssimo. A primeira foi uma queixa dirigida a Jeová por sua delonga em pôr fim à imoralidade e injustiça de Judá. A segunda foi uma queixa dirigida a Jeová por querer usar uma nação ainda mais perversa que com o fim de castigar Judá por seus pecados. Muitas de nossas mais fervorosas orações não apenas queixas dirigidas ao nosso Soberano? Não é um fato que ousamos caluniar aquele que governa sobre nós, sobre nossas igrejas, sobre nossas nações e sobre o mundo atual?

Quando nos irritamos contra o Senhor pelo modo como ele governa as atividades de nossos tempos, temos uma necessidade acima de todas as demais. Equivale a ter uma visão do Juiz de toda a terra em sua sublime majestade e suprema competência. Ele está no santo templo. A consequência requerida dessa visão foi expressa verbalmente. “Que toda a terra se cale diante dele.” Deus falou a Habacuque como um pai que fala ao filho exasperado: “Cale-se!”. A mão firme do Pai é suficiente para mudar a tonalidade do filho. Não houve mais queixas contra Deus da parte de Habacuque. Não deve haver vestígio de murmuração em nós. Não havia nada disso na oração de Habacuque 3.

“Todavia”, falamos atabalhoadamente, “estamos em uma emergência muito perigosa!”. “Silêncio, filho!” — são as palavras suficientes do Pai. No período da vida de Jeremias em que testificou do massacre de Jerusalém perpetrado pela Babilônia, em suas Lamentações ele chegou à conclusão semelhante: “Bom é aguardar a salvação do SENHOR, e isso em silêncio” (Lm 3.26)! A fé sobre a qual Habacuque escreveu (Hc 2.4), a fé que torna os homens justos e lhes dá vida é a fé que costuma sofrer e às vezes vive em meio a calamidades. Foi a fé serena dos judeus crentes no cativeiro.

Hoje, alguns evangélicos se reúnem ruidosamente para conclamar vitória. Outros gritam em assembleias políticas para “fazer diferença” e mudar os rumos das nações. “Que toda a terra se cale diante dele.” Aquiesçamos aos decretos do Santo. Inclinemo-nos para o Senhor em meio à adversidade; é bom aprimorar a graça da esperança. (Confira o Comentário de Calvino sobre *Lamentações* 3.24-26, sobre a serenidade na adversidade — veja *Apêndice*.)

UM INGREDIENTE ESSENCIAL NA ORAÇÃO

A oração genuína começava: “Tenho ouvido, ó SENHOR, as tuas declarações, e me sinto alarmado” (v. 2). Jeová havia falado a Habacuque com palavras humanas em resposta às duas primeiras orações. O profeta ouvira e considerara o que o Onipotente dissera. Ambas as réplicas expressavam a perfeita santidade de Deus. A retidão moral do Altíssimo é tão perfeita, que antes de tudo ele anunciara sua ira contra a transgressora Judá e, então, contra a Babilônia totalmente corrupta e perversa. A ira divina contra o

pecado provém do próprio caráter impoluto. As Escrituras mencionam da ira de Deus como “ardente” e “fumegante”. Note bem que a ira divina é imparcial.

Com fúria justa, o Senhor julga a todos e executa sentenças contra Israel e seu sacrifício expiatório, respectivamente. Visto, porém, que os pagãos não possuem nenhum sacrifício aceitável, a ira acesa do Senhor os consome para sempre. De modo apropriado, Habacuque respondeu às ameaças divinas de juízos vindouros — com temor. Seria próprio traduzir o termo hebraico temor para “tremor”. Em Isaías 66.2, Deus descreve aquele para quem olhará:

> o aflito e abatido de espírito
> e que treme de minha palavra.

Tremer diante da Palavra de Deus é parte da experiência de portar-se mansamente diante dele. Só por meio da consciência de nossos pecados pessoais contra Deus e do justo merecimento de sua ardente maldição é que estaremos prontos para volver-nos para o Salvador para obter perdão e graça. Tremor é a via rumo à misericórdia e serenidade diante do Criador. Ouçam, e sintam-se amedrontados.

Súplica por misericórdia

Habacuque já não lança seus argumentos contra os propósitos de Deus esmagar Judá no futuro próximo. Ele já não se sente horrorizado ante o fato de uma nação mais depravada ser o instrumento para julgar Judá.

Com aceitação e tremor ante os mais desagradáveis prospectos, o profeta se empenha a buscar a oração apropriada. Ele compreendia que não deveria mais insistir que seu plano dirigisse a providência divina. Uma aterrissagem suave não trará justiça à sua nação. Tampouco Deus aniquilará a maioria dos adoradores de ídolos depravados antes que façam dano ao povo escolhido.

Todavia, a revelação divina abriu uma janela para a oração do profeta opresso. A janela é a grande promessa dada a Habacuque, que, ao mesmo tempo, é uma das promessas principais de toda a Bíblia:

O justo viverá por sua fé.
Habacuque 2.4

E assim Habacuque, e todos os judeus crentes, tinham pedidos legítimos a fazer. Porque, além do mais, “oração significa rogar a Deus por coisas que ele prometeu dar” (*Catecismo infantil*). Duas vezes Habacuque formulou a oração pública em termos da expressão: “No decorrer dos anos”. Os comentaristas disputam se a expressão tem sentido escatológico. Todavia, com certeza ela significa: “Com o passar do tempo” da destruição de Judá, e “no decorrer dos anos” de seu cativeiro; “no decorrer dos anos” dos ataques aterrorizantes e poderes opressivos de Babilônia, e “no decorrer dos anos” de nossas tribulações.

Aviva

“Aviva [a tua obra...] no decorrer dos anos” (v. 2*b*)! A quem avivar? Ao homem de fé! Que sua alma seja avivada em seu interior, e que a avive pela formação da tempestade de hecatombe. Não, os santos não escapam dos horrores e da tristeza dos juízos das nações provenientes da mão divina. Entretanto, mediante a firmeza de sua fé, eles vivem! Deus pode guardar o coração deles avivado na fé e até mesmo lhes preservar a vida quando ocorrem as matanças gerais.

Faze-a conhecida

“No decurso dos anos, faze-a conhecida” (v. 2*c*). Em paz e segurança alinhamos nossas doutrinas e nos sentimos seguros. Mas eis que surge um novo requerimento de profunda compreensão dos caminhos de Deus quando os homens se veem envoltos nas tragédias e hecatombes das nações que abandonaram a Deus e desprezaram sua lei.

Lembra-te da misericórdia

“Na tua ira, lembra-te da misericórdia” (v. 2*d*). Quanto o tempo do juízo se aproxima, Habacuque contempla a si mesmo e a todos os crentes genuínos tremendo. É possível que os perversos maldigam a Deus, porém não tremerão diante dele. Os malvados podem temer os meios terrenos de destruição, mas não ao Deus que levanta o báculo que dirige esses meios. Quem treme diante do Deus santo,

irado e justo — a fonte última do juízo — apelará para ele em busca de misericórdia. Não merecendo alívio da fumegante ira divina, homens e mulheres de fé compreendem haver perdão para o pecado em Cristo, o Filho de Deus, o Cordeiro do sacrifício. Ao mesmo tempo em que a ira [divina] age, a misericórdia [divina] se revela para quem tem fé.

Orações respondidas

A súplica para que os da fé sejam avivados pela ação divina, foi o meio usado por Deus para preservar a vida nos tempos mais alarmantes. Em 606 a.C., quando pela primeira vez Nabucodonosor conquistou Jerusalém, Daniel, Sadraque, Mesaque e Abede-Nego sobreviveram ao holocausto.

A Escritura registrou que, mesmo no cativeiro, sua fé viva foi demonstrada de modo cabal ao próprio Nabucodonosor e à sua nação. A oração, baseada na promessa de Habacuque 2, para que "entendessem", acarretou a profecia divina e os dons da sabedoria entre os judeus, mesmo nas horas mais escuras.

Na segunda conquista que Nabucodonosor empreendeu contra Jerusalém, Ezequiel, homem de grande fé, foi preservado vivo. Suas profecias vivas dirigidas aos judeus no exílio estão registradas no livro do Antigo Testamento que porta seu nome. Enquanto estava na Babilônia, ele profetizou sobre a doação divina do novo coração a Israel, seu povo. Ele entendeu e ensinou que Deus deve ser inquirido de acordo com suas promessas: Deus faz aos homens segundo prometera (Ez 36.37).

Em 536 a.C., em resposta à oração de Daniel (Dn 9), homens de fé (Zorobabel, Jesua e Ageu) guiaram o primeiro contingente de exilados de volta a Jerusalém. Em 458, Esdras guiou de volta o segundo grupo. Em 445, Neemias veio para ajudar na restauração. Homens de fé sobreviveram aos mais terríveis acontecimentos e deram vitalidade à comunidade do povo de Deus. Sobreviveram aos conquistadores pagãos e às nações cruéis que os oprimiam.

Nesse tempo, os brilhantes raios da justiça e da verdade se volveram sobre outros luzeiros que continuaram a viver no exílio,

como Mordecai e Ester. Deus derramava misericórdia por entre os anos de terror.

Se a igreja moderna passar pelas bem merecidas calamidades nacionais sob a ira divina, o Senhor é capaz de levar seu povo a viver — para que ele entenda e deguste sua mercê. Ezequiel nos informa como Deus preserva seu povo especial mesmo nas cenas da mais intensa mortandade geral. Por exemplo, Ezequiel viveu profetizando no exílio na terceira onda da mais horrível conquista de Jerusalém, empreendida por Nabucodonosor. Em momento algum a vida, o entendimento e a compaixão abandonaram seus santos, um dos tipos de cena, ao longo da história, que faz tremer todos os joelhos.

Se Deus destruiu o mundo perverso nos dias de Noé; se ele erradicou Sodoma e Gomorra; se Jeová enviou o povo especial para o exílio e a reprovação entre as nações, acaso ele poupará as nações ocidentais modernas, uma vez “cristãs”, que repetem os mesmos pecados? Eis uma oração para ser guardada no bolso de nossa memória visando às horas escuras do juízo.

Acostume-se com a misericórdia em Cristo, e esteja certo de que você entrará nas sublevações da guerra, derrota e opressão como uma pessoa de fé sólida. Homens e mulheres de fé brilham como joias da misericórdia, em meio ao mais profundo nevoeiro do pecado e incredulidade. Por serem produtos da misericórdia divina, Deus é muitíssimo glorificado neles e por meio deles, mesmo quando não surgem outros tipos de triunfo.

8. Espectadores da divina majestade (3.3-16)

O capítulo 3 de Habacuque consiste na grande oração do templo composta pelo profeta contra a tela de fundo das revelações divinas feitas a ele nos capítulos 1 e 2. Eles predisseram duas grandes crises históricas: uma para Judá, sob o ataque da Babilônia; e, a outra, para Babilônia no dia de sua destruição. A oração de Habacuque começou com petições nos versículos 1 e 2. Ele rogou em favor dos crentes em Israel: que Deus lhes conceda vida, entendimento e misericórdia em meio aos anos críticos. Entretanto, a oração a Deus não se restringe a fazer pedidos ao Altíssimo.

Um traço singular da natureza humana

Você já contemplou o estranho aspecto da experiência humana que participamos unicamente com os anjos no arranjo das criaturas vivas de Deus? O homem é, por natureza, espectador. Todos nós contemplamos e participamos das proezas dos outros. Nas competições esportivas, deleitamo-nos em observar a habilidade dos atletas. Se nosso campeão vence a disputa, partilhamos a satisfação de suas elevadas exibições de talento, e sentimos ter vencido com ele. Há imediatos brados de triunfo pela vitória, então se seguem naturalmente incontáveis horas e esforços para se narrar suas proezas.

Há o mesmo deleite e união com os hábeis músicos nos concertos. Uns poucos produzem a música e milhares podem se unir a eles em espírito no seu desempeno. A mesma coisa pode ocorrer no tocante à oratória ou à enunciação de um sermão. Um fala, muitos outros, porém, são arrebatados pela experiência singular da oratória. Assim, somos espectadores, derivamos dos outros experiências emocionais, intelectuais e bem reais.

As alegrias no sucesso e tragédias da derrota se tornam nossas. Naturalmente, isto demonstra que somos seres espirituais.

Adaptados especialmente para nosso lugar central nos propósitos de Deus

Acima de tudo, fomos criados para sermos espectadores da majestade divina. Fomos formados para dar glória a Deus e desfrutá-lo para sempre. Muito disto é feito pela oração! Com um olho a contemplar as poderosas obras de Deus cabe-nos recitar com sinceridade sua grande grandeza — da qual participamos em suas festas gloriosas. A essência do louvor é descrever seus feitos de todo o coração. Habacuque acabara de aprender de dois dos grandes atos futuros de Deus. Eles não foram apresentados apenas para lhes satisfazer a curiosidade. O propósito da revelação é atrair espectadores em apoio à execução dos grandes feitos.[4]

Como Deus se manifesta quando sai “para o salvamento do teu povo, para salvar o teu Ungido” (v. 13)? “A sua glória cobre os céus, e a terra se enche do seu louvor. O seu resplendor é como a luz” (Hc 3.3, 4). A impressão dominante que se deixa quando Deus se levanta para salvar é glória, esplendor, majestade, radiante excelência, luz e beleza.

Quando Jesus veio salvar seu povo de seus pecados, ele era “o resplendor da glória [do Pai] e a expressão exata do seu Ser [em outras palavras: a expressa imagem de sua pessoa]” (Hb 1.3). “Para a iluminação do conhecimento da glória de Deus, na face de Cristo” (1Co 4.6). João estava certo ao descrever sua vinda como “a luz que brilha nas trevas” (Jo 1.5). Entretanto, tão cegos eram os homens a essa luz, que Deus enviou João Batista justamente para informá-los de que a luz já estava brilhando. Mais tarde, o apóstolo João disse por todos os apóstolos: “E o Verbo se fez carne e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade, e vimos sua glória, como a glória do unigênito do Pai” (Jo 1.14). Todos os observadores crentes da salvação devem cantar a glória da divina presença que age. Satanás labuta ativamente para cegar os olhos dos homens, a fim de que não sejam os espectadores da excelente grande de Deus (2Co 4.4).

Como parte da narração da glória do Santo, Habacuque descreveu extensamente seu poder: “O seu esplendor é como a luz, raios brilham da sua mão; ali está velado o seu poder” (Hc 3.4*b*). A onipotência será exibida na salvação procedente de Deus. A força do Onipotente priva o homem de quaisquer analogias descritivas.

Ele é oculto, imensurável e além do conhecimento humano. Nosso Salvador Deus é digno de louvores eternos e retumbantes, pois ele é o único potentado. Ninguém pode obstruir seu poder.

Reconhecimento do poder divino

Nesta oração poética, Habacuque capacitou os santos de seus dias a prever certos acontecimentos. Como adoradores que vigiam e desfrutam a obra salvífica de Deus, esta não é uma cena que traz total deleite. O Santo salvará o remanescente em Israel. Ele será compassivo para com ele. Por sua graça, eles israelitas viverão e serão justos a seus olhos mediante a fé. Ao mesmo tempo, os incrédulos e desobedientes em Israel, ao mesmo tempo, serão destruídos. O Salvador e Senhor da igreja é também o Senhor de todas as nações. As nações hostis à sua verdade e justiça serão esmagadas, enquanto exerce compaixão para com os que têm fé. “Com vara de ferro as regerás e as despedaçarás como um vaso de oleiro” (Sl 2.9).

Quando Deus vier (para salvar), “diante dele vai a peste, e a pestilência segue os seus passos” (Hc 3.5). O Senhor persegue com terríveis consequências os homens e demônios que são seus inimigos malignos. Quando Israel foi tirado do Egito, todos os egípcios foram feridos com pragas terríveis — como a morte de todos os seus primogênitos em uma só noite. Quando os cavalos e cavaleiros perseguiam Israel, eles foram lançados ao mar. De igual modo, Jesus veio salvar seu povo dos pecados deles, mas também veio “destruir as obras do diabo” (1Jo 3.8). O mesmíssimo Deus que assegurou o envio do evangelho a toda a terra, ao mesmo tempo fez com que Jerusalém fosse destruída por seus inimigos. Por fim, Roma (e todo o Império Romano) foi esmagada. Nenhum império mundial, daí em diante, dominou a terra, ainda que muitas nações sinistras tenham tentado fazê-lo. Nos últimos atos de Cristo para salvar seu povo, ele e suas forças deixarão para trás a maior carnificina de todos os tempos (Ap 19).

O liberalismo, tanto o antigo como o novo, tenta remover do Deus verdadeiro toda ira e vingança. Esse movimento reconhece o furor divino contra o pecado no Antigo Testamento. Contudo seus adeptos ensinam que o Deus do Novo Testamento difere do Deus

do Antigo Testamento. Ensinam que agora Deus está saturado de compaixão e bondade. Para fazer isso seria necessário reescrever o Novo Testamento, o que os liberais se deleitam em fazer. Para purificar o evangelho (segundo seu modo de pensar), eles escolhem alguns temas bíblicos e ignoram outros.

Você se envergonha da ira de Deus para com os pecadores, ou de suas justas punições que os visitam? Então, o que você fará da cruz de nosso Senhor Jesus Cristo, a quem o Novo Testamento descreve, na linguagem do Antigo Testamento, como "o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo" (Jo 1.29)? A cruz não é explicada por Judas, os sumos sacerdotes, os fariseus e as autoridades romanas. Ela é uma exibição do fato de que Deus tomou seu próprio Filho impecável "e o fez pecado por nós; para que, nele, fôssemos feitos justiça de Deus" (2Co 5.21). Quando Deus vem manifestar sua compaixão para com seu povo, antes de tudo ele vem em terrificante majestade.

Ao chegar ao seu tencionado destino, o Santo "para" e "olha" (Hc 3.6*a*). Seu olhar mede a terra. Seu olhar também espanta as nações: o povo de Israel e as nações pagãs. Todos se sentem aterrorizados na presença do Senhor. Com razão os homens enfraquecidos se ajoelham. Acontecimentos de proporções cósmicas estão prestes a ocorrer. Ações de dimensões épicas estão prestes a se concretizar.

"Esmigalham-se os montes primitivos; os outeiros eternos se abatem [ou se curvam diante dele]" (Hc 3.6*b*). Tudo isto se dá em resposta a "um olhar". O que farão os homens quando ele descobrir os poderes ocultos em sua mão para feri-los?

Esta seção da oração de Habacuque termina com a referência às tendas dos dois inimigos primitivos de Israel. Ambos habitavam em tendas. Os leitores da Bíblia recordam em especial do colapso das tendas de Midiã nos dias de Gideão (Jz 7). Habacuque se refere ao tremor das tendas de Midiã quando o Santo "parou" e "olhou". "Os acampamentos da terra de Midiã tremem" (Hc 3.7).

Todas as ações de Deus visam ao triunfo dos crentes. É assim se aquele, cujos "caminhos são eternos", atacar os traidores e rebeldes no meio do povo de Deus, ou se ele atacar nossos inveterados

inimigos que vivem do lado de fora da igreja. Habacuque e os judeus de seus dias esperavam a sucessiva destruição, primeiro de Israel e depois da Babilônia. Em cada caso, o resultado seria salvação e vida para os da fé (Hc 2.4).

Os cristãos do mundo ocidental testemunharam o maciço afastamento das verdades bíblicas no último século. Embora tenha vindo algum avivamento da confiança na verdade nos últimos cinquenta anos, a decadência moral e espiritual continua a exercer seus maléficos efeitos em nossas nações. A nova "Reforma" não tem produzido amplas conversões a Cristo neste tempo. Porventura o Santo virá às nossas terras com terríveis castigos? Porventura estes precederão a volta ao Senhor e à sua Palavra? Seja como for, *Cristo edificará sua igreja!* Seja como for, pessoas com fé genuína viverão. Quando o Senhor vier em glória e poder; quando ele parar com seu olhar penetrante a desestabilizar seus inimigos, então que sigamos o exemplo de Habacuque.

Cabe-nos observar a glória e cantar ao seu poder. Cabe-nos celebrar as sublevações cósmicas organizadas por seus propósitos (cf. 2 Pe3). Cabe-nos crer, viver, entender e celebrar as obras do Senhor com louvor. Os homens nunca mudam o curso da história; mas os crentes estão *aí* quando Deus faz isso. Eles triunfam nele!

Encarando dois caminhos

Com os versículos 8 a 16, o hino do templo se volve na direção do Salvador-Deus. A segunda pessoa singular, "tu", é usada para falar a ele. Já não são apenas os cantores sobreviventes à cena das poderosas obras de Deus. Agora eles saúdam pessoalmente o onipotente Operador.

O resultado do misericordioso livramento recupera a imagem da salvação pretérita. Todavia, acontecimentos similares devem ocorrer no futuro quando o Senhor responder à súplica: "Na ira, lembra-te da misericórdia". Só o Criador pode empregar as grandes forças do universo em suas proezas. Ele conclama os rios e os mares a lutarem por ele (v. 8, 10). Estas linhas evocam os triunfos sobre o mar Vermelho e o rio Jordão. Mas as taças finais da ira ainda serão derramadas sobre as águas da terra. O sol e a lua ainda se deterão

quando o Altíssimo executar sua ira e trouxer livramento (Hc 3.11; Js 10.12, 13). Os montes tremem (Hc 3.10).

Com a criação convocada para assistir sua causa, Jeová cavalga corcéis e carros como Guerreiro. Ele revela a espada e as flechas destinadas à matança dos perversos (3.9,11). Com “indignação”, ele sai para salvar seu povo e calcar aos pés as nações.

Precisamente porque Deus invadiria Israel pela liderança do exército babilônico que Habacuque sentiu o corpo estremecer, com lábios trementes e podridão nos ossos (3.16). Tudo que ele podia fazer era aguardar com submissão a invasão de Israel divinamente designada. O profeta disse a Jeová que aguardaria o acontecimento com tremente quietude. Não havia outro salvamento adequado para os fiéis com a destruição dos ímpios; todavia, o plano do Senhor é perfeito.

Caberia a Deus convocar-nos também a esperar essas terrificantes providências em nossas terras, onde a fé e sua acompanhante justiça são por demais lentas? Podemos adorar enquanto o plano divino da história se desvenda? Podemos viver com tranquilidade enquanto trememos com a expectativa?

9. Habacuque: um livro para tempos de crise extrema (3.17-19)

Habacuque suplicou que Deus removesse a perversidade e injustiça da nação que professava crer no Alto e Santo que habita a eternidade. Ele fora informado de que o propósito de Deus consistia em castigar com severidade o povo contumaz. A vara com que o Senhor os corrigiria seria a violenta invasão de um inimigo cruel e sedento de sangue. Os transgressores destruiriam a "terra" dada por Deus a Israel e transportariam grandes porções da população judaica para o cativeiro.

Quando o profeta se certificou de que não haveria como escapar à ferocidade do inimigo babilônico, todo o seu ser se estremeceu:

> Ouvi-o, e o meu íntimo se comoveu,
> à sua voz, tremeram os meus lábios;
> entrou a podridão em meus ossos,
> e os joelhos me vacilaram...
> Habacuque 3.16

O santo da antiguidade partilhava plenamente da fraqueza da carne humana, experimentando os mais profundos temores em face do extremo.

O povo de Deus às vezes não consegue escapar à passagem dos maiores temores na vida. Pode ser o colapso nacional, quando são vandalizados pelos inimigos vencedores. Pode ser a morte na estaca pelos mais proeminentes na declaração do evangelho que não é bem recebido. Pode ser a luta pessoal perdida, quando se busca escapar às dores persistentemente sentidas da temida doença incurável. Alguns são chamados a enfrentar a morte em muitas e inesperadas circunstâncias.

Consciência do dano futuro

Na oração, a imaginação de Habacuque fez uma inspeção das consequências a partir da chegada da invasão brutal pela Babilônia.

Como uma horda de gafanhotos, o exército pagão despiria Israel de sua beleza, produtividade e prazer:

> A figueira não floresceria.
> Não se veria nenhum fruto das videiras.
> As oliveiras não produziriam nenhuma safra.
> Nenhum grão adviria dos campos.
> Os rebanhos seriam eliminados.
> Os estábulos ficariam vazios,
> porque não haveria gado morando neles.
> Extraído de Habacuque 3.17

O exército de Nabucodonosor consumiria tudo que sustenta a vida, deixando para trás a nação faminta, a economia esboroada e a paisagem improdutiva e estéril. A fertilidade da terra, o sinal da bênção de Deus e da alegria de Israel, desapareceria.

Esta não é uma descrição irreal da região sobre a qual tem havido operações militares de grande proporção. A guerra e o governo opressivo trazem mais fome que as condições naturais. Jeremias não foi o único profeta a lamentar a queda de Jerusalém. O doloroso queixume da tristeza é bem expressivo no versículo 17 de Habacuque 3.

Alegria em Deus nos tempos da mais profunda privação

Na luta com Deus em oração sobre acontecimentos futuros revelados, o grande profeta chegou a uma resolução interior de seu descontentamento.

O homem é *como* as bestas da terra. Temos corpos, feitos do pó da terra, desejosos do sustento material. Fisicamente, para vivermos necessitamos dos frutos da terra e dos produtos animais. Todavia, os humanos são *diferentes* das demais criaturas terrenas. Deus soprou em nós a alma vivente. Enquanto tivermos interesses físicos comuns com o reino animal, temos uma comunhão muito mais elevada de bem-estar com as realidades e os seres espirituais.

Jesus tinha em mente esse fato quando, nas horas de intensa fome pela falta de nutrição para seu corpo, disse a Satanás: “Não é só de pão que vive o homem, mas de toda palavra que sair da boca de Deus” (Mt 4.4). Uma vez mais, o Salvador falava da nutrição

espiritual, quando disse aos discípulos: “Uma comida tenho para comer, que vós não conheceis” (Jo 4.32). De forma semelhante, quando Habacuque vê — pois ele era um “vidente” (Hc1.1) — a terra despida de tudo que nutre o corpo, exclamou:

> Todavia, eu me alegro no SENHOR;
> exulto no Deus da minha salvação.
> Habacuque 3.18

Esta é a conclusão do único pensamento que inclui o versículo 17 acima. Ele começou: “*Ainda que*” a terra seja despida de tudo o que traz subsistência ao corpo, “*todavia*” eu me alegrarei em Deus. Há para o povo de Deus grande satisfação de encontrar nele paz e alegria em tempos de severa carência. É doloroso que os cristãos jejuem tão pouco. Uma das lições oriundas do jejum é que, quando são negados prazeres ao corpo, só a satisfação em Deus pode crescer. Quando o mundo material nos seduz à intemperança e luxúria, é tão fácil esquecer o Senhor, negligenciar a comunhão com ele e fracassar em depender apenas dele. Nas modernas nações ocidentais, a religião comumente tem se tornado uma questão de coisas materiais: a cura do corpo, a prosperidade econômica, entre outras coisas. Não disse Jeremias o contrário? “Buscar-me-eis e me achareis quando me buscardes de todo o vosso coração” (Jr 29.13).

Quando Jesus, de maneira miraculosa, deu pão a milhares de pessoas (Jo 6), as multidões se aglomeraram ao redor do Senhor à espera de mais pão. Cristo os repreendeu por não buscarem *àquele* que é o pão da vida.

Habacuque medita no espírito de Romanos 8.35-37. Nada nos pode separar do amor de Deus em Cristo — nem tribulação, perseguição, fome e espada. Então, Paulo diz: “Em todas estas coisas, porém, somos mais que vencedores, por meio daquele que nos amou” (v. 37). O apóstolo não diz que nunca passaremos por extrema privação material e física. Ao contrário, ele diz que em todas essas circunstâncias de sofrimento e perda, continuaremos a possuir o amor de nosso Deus.

Quando lemos as palavras conclusivas do profeta Habacuque, percebemos existirem questões persistentes para todos nós. Porventura o Senhor é a sua porção e o seu deleite? Você acha as

delícias terrenas insossas quando o Senhor subtrai a luz de seu rosto (“Quando já não vejo Jesus”)?[5] Acaso a comida na despensa e o dinheiro na conta bancária são seu verdadeiro arrimo? Ou você se apoia no Senhor?

Você precisa aprender a alegrar-se no Senhor! Você esquecerá todas as doces coisas materiais da terra. Virá o dia em que dirá adeus a todos os prazeres da terra. Terá que dizer adeus aos amigos da terra. Pela fé, Deus será mais deleitoso nas horas das amargas despedidas das alegrias terrenas. “Toda carne é como a erva, e toda a sua glória, como a flor da erva; seca-se a erva e cai a sua flor; a palavra do Senhor, porém, permanece eternamente” (1Pe 1.24, 25). O que você tem colocado no coração? Porventura é algo que não pode dizer? Ou você tem colocado Deus e suas promessas?

Desta porção do livro aprendemos que, se ele permaneceu vivo durante a invasão babilônica e seu resultado, Habacuque já havia aprendido que, a despeito de tudo, “ele se alegra no Deus de sua salvação”. Nenhum inimigo ou circunstância poderia privá-lo e ninguém poderia usurpar o santo da alegria em Deus.

Celebração do triunfo

Havendo denominado Jeová “o Deus de minha salvação” (v. 18), o profeta se gloria no triunfo final que o Senhor lhe daria. A poesia do versículo 19, na realidade é a linguagem da guerra.

“*Faz os meus pés como os da corça*.” Deus capacita a seu povo a mover-se velozmente e com destreza por entre as tribulações da terra. Como a corça, que cruza com rapidez a floresta, nem os ruídos das árvores, nem os escorregões sobre as rochas impedirão o crente de, envergonhado, enfrentar as emergências terrenas, e a própria morte. Ainda que caçados por Satanás, ou afligidos pelo mundo e pela própria carne, seguimos o curso pela fé.

Seguindo após as flechas desta vida, algumas muito venenosas. Entretanto, por causa dos “pés da corça” que Deus nos deu sempre escapamos ao golpe final e fatal. Como Israel sobreviveu às sucessivas brutalidades de Babilônia, da Pérsia, da Grécia e de Roma? Durante milênios a verdadeira fé tem sobrevivido sobre a

terra — só Deus sabe como! Os santos alcançaram, com segurança, o descanso designado. Tudo isso se deve aos “pés da corça”.

Outra linha de triunfo no poema é: “e me faz andar altaneiramente [lit., ‘E me faz pisar meus lugares altos’]”. É espantoso que Habacuque sentisse essa verdade na hora dos iminentes desastres da guerra. Pisar os lugares altos é o privilégio dos vitoriosos. Os guerreiros correriam em parelha pelos cumes mais elevados que se elevam acima dos vales onde as batalhas foram vitoriosas. Depois disso, cavalgariam em carros pelos altos. Assemelhava-se muito à última volta da vitória em uma corrida olímpica. Tudo isto era feito para demonstrar seu domínio sobre o que jazia abaixo deles.

Neste livro, nenhuma revelação é dada sobre o estado final da religião judaica. Não lemos nada específico da hora do triunfo. Todavia, temos ciência de que essa hora existe, quando somos capacitados a encarar nossas mais alarmantes e perigosas circunstâncias ao longo da estrada estreita que conduz à vida. “Em todas estas coisas somos mais que vencedores” (Rm 8.37). *Mais* que vencedores! Isso se dá “através daquele que nos amou”. É deste abraço pessoal do amor de Deus que absolutamente nada pode nos separar: “Graças a Deus que nos dá a vitória por intermédio de nosso Senhor Jesus Cristo” (1Co 15.57).

O último versículo foi escrito tendo em vista nossa ressurreição que se seguirá à morte quando o Senhor Jesus vier outra vez.

Nossa alma está ancorada nessas certezas. A verdade é que nosso Salvador triunfou sobre a morte na cruz. Não nos foi prometido que jamais sofreríamos como ele sofreu. Ao contrário, somos informados explicitamente de que o servo é como seu senhor. Mas, além de *qualquer* injúria que porventura soframos no momento, ressuscitaremos com ele e participaremos do glorioso novo céu e da nova terra com ele!

Acaso todas estas palavras do profeta o perturbam? A realidade da comunhão com Deus não é uma fonte de alegria e alimento nas horas escuras? Você pode encarar até mesmo a ferocidade da guerra e ainda ter certeza do triunfo final? Você tem lidado com as

mais profundas realidades do Deus que é Espírito e sua necessidade de renovação espiritual em Cristo?

Você tem ciência das mais sublimes alegrias e das bênçãos mais seguras, em Cristo, decorrentes do perdão de seus pecados? Você possui a esperança que vai além do lar [terreno] e das viagens e dos amigos atuais? Aonde você vai? Vocês vivem em função de quê?

Pondere sobre a grande afirmação da fé em Habacuque 3.17-19. Esta é a fé nos momentos de adversidade. E o grande tema da Bíblia é declarado em Habacuque 2.4: “O justo viverá por sua fé”.

Invoque o Senhor Jesus para obter misericórdia por causa de seus pecados. Suplique que lhe garanta a vida eterna. Só nele se encontra o triunfo mencionado pelo profeta Habacuque.

Apêndice: Calvino sobre a serenidade na adversidade[6]

> A minha porção é o SENHOR, diz a minha alma; portanto, esperarei nele. (Lm 3.24)

Neste versículo, o profeta notifica que não podemos permanecer firmes nas adversidades, a não ser que vivamos contentes só com Deus e seu favor; pois tão logo nos separemos dele, qualquer adversidade que, porventura, nos sobrevenha, levará nossa fé ao fracasso. Então, o único e verdadeiro fundamento da paciência e esperança é confiar apenas em Deus; e isto se dá quando somos persuadidos de que seu favor é suficiente para nossa perfeita segurança. Nesse sentido que Davi denomina Deus "minha porção" (Sl 16.5). Mas há nas palavras um contraste implícito, pois a maioria dos homens busca a felicidade fora de Deus. Todos desejam ser felizes; mas, como os pensamentos dos homens vagueiam aqui e ali, nada há mais difícil que fixar todas as nossas esperanças em Deus no que diz respeito a todas as outras coisas. [...]

Assim, para que não fracassemos nas adversidades, tenhamos em mente esta verdade: jamais oscilem todos os nossos pensamentos e se desviem até que sejamos plenamente persuadidos de que só Deus nos é suficiente, para que ele seja nossa única herança. Pois quem não se deixa satisfazer exclusivamente em Deus se vê de imediato assenhoreado pela impaciência sempre que a fome o oprime, a espada o ameaça, ou qualquer outra dolorosa calamidade. Por esta razão Paulo também afirma: "Se Deus é por nós, quem será contra nós? Estou persuadido de que nem fome, nem nudez, nem espada, nem morte, nem vida pode separar-nos do amor de Deus que está em Cristo Jesus, nosso Senhor" (Rm 8.31, 35-39). Então Paulo lança mão do paternal favor de Deus como o sólido fundamento da confiança. [...] Por quê? Porque Deus é a vida [dos fiéis] na morte; sua luz, nas trevas; seu repouso, na guerra e tumulto; sua abundância na penúria e carência. [...] Só quem edifica sobre o favor paternal

espera em Deus, para que nada mais busque senão em tê-lo propício para consigo. Então segue:

> Bom é o SENHOR para os que esperam por ele, para a alma que o busca. (Lm 3.25)

Percebe-se daí a confirmação do último versículo, onde ele disse viver contente só com Deus, enquanto sofria todos os tipos de adversidades: Como isso é possível? Porque Deus, diz ele, é *bom para os que esperam por ele*. Poderia ter-se objetado e dito que as adversidades produzem tristeza, exaustão, melancolia e angústia; de modo que não se pode dizer que só retém a esperança quem olha só para Deus; e, sem dúvida, isto procede, a saber, quando todos confessam esperar em Deus, seguem correndo de um lado para o outro; e a consequência é o fracasso em suas adversidades. [...] De maneira indireta, [o profeta] apresenta a resposta: Deus é bom para quem espera por ele [...] pois Deus, por fim, exibirá sua bondade para com quem espera por ele. Em suma, aqui o profeta nos ensina que as bênçãos de Deus, pelas quais anima os próprios filhos, não podem estar separadas de sua misericórdia ou de seu paternal favor.

Como, pois, Deus trata com generosidade quem espera por ele, segue-se que essas pessoas não podem ser frustradas, enquanto viverem satisfeitas apenas nele; assim, se submetem com paciência a todas as adversidades. Em suma, aqui o profeta ensina o que a Escritura com frequência declara: “A esperança não confunde” (Rm 5.5).

Mas é preciso observar bem a segunda sentença, pois o profeta define o significado de esperar em Deus ao declarar que ele é bom para *a alma que o busca*. [...] Então devemos ter em mente o que o profeta afirma aqui: só espera em Deus quem busca por ele com sinceridade; isto é, quem reconhece o quanto necessita da misericórdia divina, quem recorre a ele de modo direto sempre que alguma tentação o ataca; e quem, ameaçado por algum perigo, busca o socorro nele; assim, prova esperar nele de verdade. Então segue:

> Bom é aguardar a salvação do SENHOR, e isso, em silêncio. (Lm 3.26)

[...] Aqui, o profeta nos lembra que de modo algum devemos exigir que Deus sempre nos apareça, e que seu paternal favor sempre resplandeça em nossa vida. Esta é, de fato, a condição buscada por todos, pois a carne nos inclina a isto: nos esquivarmos das adversidades. Então, por natureza, desejamos que o favor divino se nos manifeste. Com que intuito? Na realidade, para que todas as coisas sigam com prosperidade; que nenhuma tribulação nos atinja; que não sejamos atormentados por nenhuma ansiedade; que nenhum perigo paire por sobre nossa cabeça; que nenhuma calamidade nos ameace. [...] Contudo, em tais casos, a fé seria extinta, como nos informa Paulo na epístola aos Romanos: “Porque, na esperança, fomos salmos. Ora, esperança que se vê não é esperança; pois o que alguém vê, como o espera? Mas, se esperamos o que não vemos, com paciência o aguardamos” (Rm 8.24,25). Enquanto é necessário neste mundo que os fiéis, quanto às coisas externas, sejam miseráveis, a um tempo expostos à carência, a outro sujeitos a vários perigos — a um tempo expostos aos opróbrios e calamidades, a outro açambarcados por perdas. Por que deve ser assim? Porque não haveria nenhuma ocasião para o exercício da esperança, se nossa salvação fosse completa. Esta é a mesma coisa que o profeta então nos ensina ao declarar que é bom aprendermos em silêncio a esperar pela salvação de Deus.

Mas, para expressar com mais clareza sua intenção, primeiro ele diz: *Aguardarei*, ou esperarei. Ele ensina a necessidade da paciência, como também faz o apóstolo em Hebreus 10.25; de outro modo, não poderia haver fé. Daí transparece que, onde não há paciência, não existe nem mesmo uma fagulha de fé no coração humano. Como assim? Porque esta é a nossa felicidade: aguardar ou esperar; e esperamos o que está oculto. Mas na segunda sentença ele se explica com mais clareza ainda, ao dizer: “*E isso, em silêncio*”. Na Escritura, estar em silêncio às vezes significa repousar, estar tranquilo; e aqui não significa outra coisa além de suportar as tribulações que nos couberam por sorte, com a mente serena e resignada. Então ele diz que mantém silêncio diante de Deus, que permanece sereno ainda que as aflições deem ocasião ao clamor; daí a serenidade oposta aos sentimentos violentos; quando alguma tribulação nos oprime, nos tornamos turbulentos e

nos deixamos arrebatar pela fúria; a um tempo discutindo com Deus, a outro derramando muitas queixas. [...] Daí as palavras de Isaías: “Em esperança e silêncio”; pois ali ele exorta os fiéis à paciência, e mostra onde jaz a força, ainda quando confiamos em Deus de tal modo que, voluntariamente, nos submetemos à sua vontade e nos prontificamos a suportar seus castigos; então, isso ocorrerá quando não duvidarmos que estará pronto a trazer-nos o socorro quando estivermos em perigo (Is 30.15).

Agora percebemos o que o profeta tem em mente quando diz: “É bom aguardar a salvação do SENHOR, e isso, em silêncio”; pois nossa felicidade está oculta e também nos assemelhamos aos mortos, no dizer de Paulo, e nossa vida está oculta em Cristo (Cl 3.3). Por ser assim, devemos, necessariamente, manter silêncio quanto à salvação provida por Deus e manter a esperança interior, ainda que cercados por muitas misérias.

---

[1] O termo hebraico *massā’* — vertido de formas diferentes pelas versões bíblicas em português: “advertência” (NVI), “mensagem” (NTLH, NVT), “sentença” (ARA, NAA), “oráculo (TB)”, “peso” (ACF, ARC) — significa literalmente “sentença”, “oráculo”, “carga” e “fardo”. [N. do R.]

[2] O significado do nome “Habacuque” é “abraço”.

[3] Falamos das “novas perspectivas sobre a doutrina da justificação em que estudiosos recentes declaram que só podemos entender se tivermos estudado os conceitos rabínicos do “Segundo Templo” à exaustão.

[4] Para estudar as palavras hebraicas e a estrutura poética hebraica da passagem, consulte a excelente obra de O. Palmer Robertson, *The Books of Nahum, Habakkuk, and Zephaniah*, no *New International Commentary on the Old Testament* (Grand Rapids: Eerdmans, 1990).

[5] Quão tediosas e insossas são as horas *Quando não mais vejo Jesus;* Os doces prospectos, as alegres aves e a perfumosas flores / Já perderam toda a sua doçura para mim... (John Newton, Olney Hymns, 46).

[6] Extraído de João Calvino: *Commentary on Jeremiah and Lamentations* (1559, 1855; reimpresso em Edinburgh: Banner of Truth, 1989), vol. 5, p. 408-13. Veja a p. xx deste livro.